



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILÍCIAS.

2

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

X.

MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

M. A. D'ALMEIDA.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1863.

SEGUNDA PARTE.

I.

A COMADRE EM EXERCICIO.

Os leitores devem estar lembrados de que o nobro antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que ella vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo opportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e prompta a dar á luz. Já vêm os leitores que a raça dos Leonardos não se ha de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aquelles habitos de ternura, com que sempre o conhecemos, e nas actuaes circumstancias, quando elle via ás portas da vida um fructo do seu derradeiro amor, crescia-lhe na alma aquella violenta chamma d'

costume; o pobre homem ardia todo por dentro e por fora, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou, finalmente, o dia de apparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestara os primeiros symptomas. Leonardo levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fóra pretendendo fazer mil cousas, e sem fazer cousa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que prompta acudio ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéa do mundo infinito de arranjos que naquelle tempo se punha em gyro em semelhantes occasiões. A primeira cousa a que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se madassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta pratica só costumava ter logar quando a parturiente se achava em perigo, porém elle quiz prevenir tudo a tempos e a horas. Mandou-se depois pedir á vizinha, pois por um descuido imperdoavel não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo, que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Poz a palha benta ao lado da cabeceira: na sala improvisou-se um oratorio com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de louça, enfeitada com

cordões de ouro. Chiquinha, para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou á cabeça um lenço branco, metteu-se embaixo dos lençoes, e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava tambem em um grande rosario, observando entretanto a Chiquinha, e interrogando-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fóra do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando vio que a unica cousa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, poz-se em menores, quero dizer, despio os calções e o collete, ficou em ceroulas e chinellas, amarrou á cabeça, segundo um antigo costume, um lenço encarnado, e poz-se á passear na sala de um lado para outro com uma cara de fazer dó; parecia que era elle e não Chiquinha quem se achava com dôres. De vez em quando parava á porta do quarto, que se achava cerrada, lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo, e abanando a cabeça murmurava:

— Não sirvo para isto.... estas cousas não se dão com o meu genio.... Estou a tremer como se fosse o negocio comigo...

E realmente a cada gemido forte, que partia

do quarto, o homem estremeceu e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exhortava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos :

— Não vos façais de criança, menina... isso não é nada,... é um páo por um olho.... Não tarda ahí um Bemdito, e estais já livre. Estas cousas na minha mão andam depressa. Verdade, seja que é o primeiro, e isto causa seu medo, mas não é cousa que valha estares agora tão desanimada; é preciso também ajudar a natureza. « Faze da tua parte que eu te ajudarei ! » São palavras de Jesus Christo.

A padecente estava, porém, a morrer de susto: nem se moveu á exhortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a soffrer; já lhe tinha a comadre arranjado de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sobre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se; de vez em quando chegava á porta do quarto, e perguntava com voz esmorecida:

— Então?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado ouvir voz de homem: esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar : a comadre sahio do quarto e veio acender nova vela benta a Nossa

Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triumpho :

— Ora agora vamos a ver, porque isto já não vai do meu agrado.... Mas a culpa tambem é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natureza. Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fóra:

— O' compadre, de cá lá uma garrafa....

O Leonardo-Pataca obedeceu promptamente. Ouvio-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana a soprar com toda a força dentro de alguma cousa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandara vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fieis. Animo, animo; isto o mais que succede é uma vez por anno. Desde que nossa mãe Eva comeu aquella maldita fruta ficámos nós sujeitas a isto. « Eu multiplicarei os trabalhos de teu parto.. » São palavras de Jesus Christo!

Já se vê que a comadre era forte em historia sagrada.

Ao Leonardo-Pataca tremiam-lhe cá fóra tanto as pernas, que não pudera mais continuar no

passeio, e achava-se sentado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Baptista, soprai com os Apostolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Seraphins da Côrte Celeste, com todos os Santos do Paraizo, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espirito-Santo.

Houve, finalmente, um instante de silencio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora lá vai o máo tempo, exclamou a comadre; Lem dizia eu que isto não era mais do que um pão por um olho.... Ah! Sr. compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pecurrucha....

— E' uma pecurrucha !.... exclamou o Leonardo-Pataca fóra de si; ora isto é de bom agouro porque com o outro que sahio macho não fui feliz.

Rescendeu então pela casa um agradavel cheiro de alfazema; a comadre veio á sala, apagou as velas que estavam acesas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoco os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encoeirada, encinteirada, entoucada e com um mólho de figas e nozes luas, signos de Salomão e outros pre-

servativos de mãos-olhados presos ao cinto, passava das mãos de Chiquinha para as de Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma formosa criancinha, em tudo o opposto de seu irmão paterno dizia o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha.

O Leonardo-Pataca recorreu immediatamente á folhinha para ver que nome trazia a menina; porém como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos ultimos arranjos, e depois envergou o mantilha e sahio para acudir a outras necessidades.

II.

TRAMA.

Como esta scena, que acabamos de pintar, tinha a comadre muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade; gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada, e com a invocação de todas as legiões de santos, de seraphins e de anjos livrava-se ella dos maiores apertos. E ninguem lhe fosse dar regras, que as não ouvia, nem do physico-mór, se nisso se mettesse: era só olhar para uma mulher de *esperanças*, e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembaraçada: até ás vezes, por certos signaes que só ella conhecia,

chegava a dizer qual seria o genio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e demandava sérios cuidados; porém a comadre dispunha de uma grande somma de actividade; e, apezar de gastar muito tempo nos deveres do officio e na igreja, sempre lhe sobrava algum para empregar em outras cousas. Como dissemos, ella havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurara pôr José Manoel, o novo candidato, fóra da chapa.

Começou, pois, a occupar o seu tempo disponivel nesse grave negocio, e movia uma intriga surdissima e constante contra o rival de seu atilhado. Gozando da intimidade e do credito de D. Maria, não perdia junto della occasião de desconceituar José Manoel, o que era-lhe tanto mais facil quanto elle prestava-se a isso, e D. Maria, de espirito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis aqui uma das que ella armou ao adversario.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratorio de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que servio elle em outros tempos. Sem duvida naquelle oratorio havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia alli rezar? Exactamente. Mas porque é que hoje não continúa essa pratica, porque apenas se conserva sobre a parede aquella especie de guarita de pedra, sem imagem alguma,

sem luz á noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéo e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão porque se extinguiram muitas cousas boas daquelle bom tempo; começaram todos a aborrecer-se de acha-las boas, e acabaram com ella. Depois houve a respeito do Oratorio de Pedra muito boas razões policiaes para que elle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem duvida sabe muito bem de quanto eram nossos pais crentes, devotos e tementes a Deos, se admirará talvez de lér que houve razões policiaes para a extincção de um oratorio. Entretanto é isso uma verdade e se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos occasião de fallar em alguns capitulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delicto, alli mesmo aos pés do oratorio, ajoelhado, constricto e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se acendia a lampada do oratorio, o pai de familia que morava alli pelas vizinhanças tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração, ajoelhando-se entre o povo diante do oratorio. Mas, se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava á lerta, succedia-lhe ás

vezes voltar para casa com a familia dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorraticeiramente escapava-se em companhia de um devoto, que se ajoelhara alli perto, embrulhado no seu capote, e que inda a dous minutos todos tinham visto entregue fervorosamente ás suas supplicas e a Deos.

Aquillo era a execução do plano concertado na vespera ao cahir de Ave-Marias, através dos postigos da rotula. Outras vezes, quando estavam todos os circumstantes entregues á devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquelle circuito de contricção, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hymno; corriam todos para o lugar donde partira, e achavam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as innocentes caçoadas, que a todo o instante faziam os gaiatos. Eis aqui, pois, porque, além de outros motivos, dissemos que tinham havido razões policiaes para que se acabasse com as piedosas praticas do Oratorio de Pedra.

No tempo em que se passavam as scenas que temos narrado ainda o Oratorio de Pedra estava no galarim. Um ou dous dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a noticia de um grande escandalo, que se passara nesse lugar classico dos escandalos:

uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ella rezar junto ao oratorio, na occasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Fallava-se muito no caso, não porque fosse naquelle tempo cousa de estranhar-se, mas porque havia um mysterio no successo: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava anciosa por ver deslindada a questão, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete duzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha tambem occupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do collo, tirou do nariz e poz na testa um par de oculos de áros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso, que a preocupava. A comadre fez signal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a cõversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? Criar a gente uma rapariga com todo

o carinho, e no fim ter aquella recompensa!... no meu tempo não se viam cousas destas....

— Que quer, senhora? respondeu a comadre; pois foi alli, nas barbas de todos. Não havia um instante que ella havia chegado com a velha, e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim....

— Ao pé da comadre? Pois a comadre estava á?...

— Estava.... que antes não estivesse....

— Mas o diabo, senhora, accrescentou D. Maria, é ninguem saber quem foi o maldito que fugio com ella....

A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardonica:

• — Tenho perguntado a todos, e ninguem sabe dizer-me.

— E' porque todos estavam cegos....

— Como?

— Mas não o estava eu, por mal de meus peccados, que antes estivesse....

— Pois vio e sabe com quem foi.... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéa de poder saber de uma novidade, que todos ignoravam, encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro....

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de

alguma hesitação, se me prometterdes guardar todo o segredo, que o caso é muito serio.

Ora, bem sabe que eu.... é o mesmo que cair em um poço.

Apezar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde :

— Foi o nosso grande camarada.... a boa peça do José Manoel....

— O que é que diz, comadre ?

— Vi, respondeu esta, arregalando com dous dedos os olhos, com estes que a terra ha de comer.... Se elles estavam ao pé de mim.

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefacção.

III.

DERROTA.

Aquellas ultimas palavras da comadre produziram sobre D. Maria o effeito de um raio: a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora, comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo... por isso eu sigo a regra antiga de me não fiar em cousa que traz calções... Safa... que esta pôz-me sal na molleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se dellas para fazer melhor o seu papel, e respondeu :

— Pois tambem o que se havia de esperar de um sujeito como aquelle?... um homem que não abre a boca que não minta... que tem uma lingua

de Lucifer ?.. Quem contasse com aquillo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora ; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior.....

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manoel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relevo.

— Se eu fosse parente da rapariga havia pôr uma demanda ao tal diabo que o havia ensinar... Por isso é que elle me não apparecia por cá ha tanto tempo.... andava cuidando nos seus arranjos..

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas ultimas palavras quando se ouviu bater á porta, e a voz de José Manoel pedir licença.

— Ah! está elle... segredo... não quero se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou bca.

José Manoel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre, porém, fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem apparecido, disse, bons olhos o vejam.

Tenho andado ahi occupado com alguns arranjos.....

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manoel, innocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquillo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu occasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, accrescentou; houve um negocio muito serio em que estive mettido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar, porque é segredo.

A comadre fez um gesto, como quem queria dizer — ahi vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preocupada pela conversa, que ha pouco tivera, entendeu que José Manoel se referia ao roubo da moça; e abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

— Um... entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria não desse com a lingua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ella apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou, portanto, a provocar a José Manoel a que declarasse qual era o negocio serio em que estivera mettido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ella não queria ver tratado em sua presença.

Deixeimo-la nesse empenho lutar com as negaças e fingidos mysterios de José Manoel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notavel se começou a operar em Luizinha; a cada hora se tornava mais sensivel a differença tanto do seu physico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até alli finos e sempre calidos, engrossavam-se e tornavam-se mais ageis; suas faces magras e pallidas enchiam-se e tomavam essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; fallava, movia-se, agitava-se.

A ordem de suas idéas alterava-se tambem; o seu mundo interior até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a illuminar-se, a povoar-se de inagens, ora amenas, ora melancolicas, porém sempre bellas.

Até então indifferente ao que se passava em torno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que elle era azul e bello, que o sol o illuminava de dia, que se recamava de estrellas á noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz res-

peito ao nosso amigo Leonardo, um augmento consideravel de amor; tambem elle foi o primeiro que deu fé daquellas mudanças em Luizinha. Entretanto, apezar de lhe crescer o amor nem por isso lhe nasciam mais esperanças.

Depois da declaração, não se tinha adiantado nem mais uma pollegada, e a unica cousa talvez que o alentava, era um certo rubor que subito subia ás faces de Luizinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos della com os seus. A somma total destas addições era uma raiva que lhe crescia na alma, augmentando todos os dias de intensidade contra José Manoel, a quem nos seus calculos attribuia todo o seu atrazo.

Dadas estas explicações, voltemos a dar conta do resto da scena, que deixámos suspensa.

A força de instancias a comadre conseguiu que José Manoel referisse qual o negocio de alto segredo em que se tinha achado envolvido.

— Pois bem, disse elle, finalmente, se promettem toda a discrição, contarei.

— Ora nem tem que recommendar.

Com as negaças e mysterios que tinha guardado até então, José Manoel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar; a comadre contava com isso.

Elle começou :

— Saibam Vms. que fui um destes dias chamado a palacio...

— Ui ! exclamou a comadre.

— Ahi está o resultado, disse D. Maria ; mas não se pagam na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que ? perguntou José Manoel sorprendido.

— De nada ; continue.

José Manoel enfiou então tomando por thema aquellas primeiras palavras que lhe tinham vindo á boca, uma mentira inuito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não foram, porém, satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a historia, José Manoel começou a instar com D. Maria para que lhe desse explicação das palavras duvidosas que ha pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que vio o negocio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer : — não me comprometta.

D. Maria a principio quiz sustentar o segredo ; a final não se pôde conter, e soltou contra José Manoel uma grande alicantina, dizendo que toda a cidade estava cheia do horroroso escandalo, que elle acabava de commetter, roubando uma filha familia.

O homem foi ás nuvens, e jurou e tresjurou que

estava innocente em tudo aquillo. Nada, porém, lhe valeu.

D. Maria foi inflexivel.

Protestou de novo que se ella fosse parenta da moça o Sr. José Manoel se havia de ver em calças pardas com o negocio ; e terminou por dar-lhe a entender que elle era um homem muito perigoso para ser admittido em uma casa de familia.

José Manoel sahio completamente corrido e scismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu character um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa acção, rompendo com José Manoel, que ficára com effeito, como o calculára a comadre, perdendo muito no seu conceito.

IV

O MESTRE DE REZA.

Tudo que ultimamente se passara em casa de D. Maria havia posto a andar á roda a cabeça de José Manoel; conheceu que tinha alli inimigo, fosse quem fosse, pois que aquillo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe, porém, saber quem seria esse inimigo; e por mais que desse voltas ao miolo não atinava com elle. Pelo genero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem duvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria ninguem via que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vezes pela lembrança o meço Leonardo;

porém achava-o incapaz de se metter nessas cousas.

Assim são os velhacos !! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o vêem, e não o sentem !

Partisse, porém, donde partisse o golpe que o ferira, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos.

D. Maria, extremosa em suas afeições, como em seus odios, consentiria com immensa difficuldade na rehabilitação de José Manoel; entretanto, elle não esfriou por isso, e pôz mãos á obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protectora á sua causa, tambem José Manoel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manoel.

Havia no tempo em que se passam estas scenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas eram notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas, uma havia de que ainda em nossa infancia tivemos occasião de ver alguns destroços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquelle tempo como o proprio mestre de escola; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circumstancia muito

notavel, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande numero, por isso mesmo viviam, portanto, em grande actividade, e ganhavam soffrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fóra de um dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava a seus discipulos.

Assim que entravam para a lição reunia em um semi-circulo diante de si todos os discipulos; puxava do bolso a tremenda férula, collocava-a no chão encostada á cadeira, onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem o signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repetição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquella voz, quando alguem se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia então immediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma

remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que goza a pancada de cego. Feito isto, recommençava o trabalho, voltando-se sempre ao principio de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que com as diversas interrupções, que ordinariamente tinha, gastava boa meia hora, repetia o mestre sózinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetiam depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era fallado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sahir recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um numero não pequeno de crias, não se dispenseava de ter, como todos que estavam em suas circumstancias, o seu mestre de reza. Era este um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discipulos, e por consequencia um dos mais procurados; nesse tempo exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha tambem outro merito: corria a seu respeito a fama de bom arranizador de casamentos.

Eis-aqui o procurador de José Manoel.

José Manoel já antes o tinha posto de mão, e agora que se vio em perigo recorreu a elle; expoz-lhe o caso, communicou-lhe suas intenções; e pediu-lhe a sua cooperação. Fez-lhe sentir, sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações, e depois de calcular por algum tempo disse:

— Já sei com quem me tenho que haver....!

— Então com quem é?... Acudiu José Manoel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porque, quem quer que é, é fino como os trezentos....

— Ora qual.... histórias.... desses arranjos entendendo eu dormindo, e vejo, nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfeitos.

— É uma coisa que me põe á roda o miolo não poder descobrir quem se intrômette nos meus negócios.... olhe que a tal entrega do furto da moça foi de mestre.

— Eu também sou mestre, e veremos quem ensina melhor.

Ficaram os dous nisto; e o cego pôz mãos á obra.

Devemos prevenir ao leitor que a causa em

semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho em regra: logo na primeira noite que foi dar lição á casa de D. Maria começou por fazer cahir a conversa a respeito do roubo da moça, deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor d'elle. D. Maria disse tambem que sabia quem era, e que até o conhecia muito. O velho sorriu-se, deixando apenas escapar em tom de duvida um signicativo — Qual.... — D. Maria franziu o sobr'olho, levantou os oculos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrazada nestas cousas?... Ora deixe-se... Sei quem foi, e seu muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso, que só me ha de morar em casa se eu algum dia fôr carcereira.

— E' isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem, digo-lhe eu, que tambem ando ao facto deste negocio todo.

— Bem sei, bem sei..- mas olhe que eu tambem soube de parte muito certa... e não ha nada mais facil do que ver quem está enganado... Diga lá o senhor quem foi.

— Oh! não! isso nunca, exclamou apressadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu cá não quebro segredo de ninguem.

D. Maria remexeu-se toda de afflicção; e por mais que instasse, nada pôde arrancar do velho que, para fazer melhor o seu papel, foi-se logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquelle ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a duvida no espirito de D. Maria a respeito do facto, que era para ella a pedra de escandalo contra José Manoel.

V.

TRANSTORNO.

Emquanto todas estas cousas se passavam, um triste successo, e da mais alta importancia, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtorna-la mesmo: o compadre cahio gravemente enfermo. A principio a molestia pareceu cousa de pouca monta, e a comadré, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incommodo desappareceria dentro de dous dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada, porém, se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorrêram então a um boticario conhecido da comadre, que juntara ao seu mister, não sabemos se com permissão das leis ou sem ella, o mister de medico.

Era um velho, filho do Porto, que aqui se viera estabelecer ha muitos annos, e que ajuntara no

officío boas patacas. Apenas chegou e vio o doente, declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que elle tomasse umas pilulas que ia mandar da sua botica; eram um santo remedio, segundo dizia, mas custavam um bocadinho caro, porém valia a vida de um homem. A comadre, quando ouviu fallar em pilulas franzió a testa.

— Pirolas, disse comsigo; então o negocio é serio; e eu, que tenho má fé com pirolas; ainda não vi um só pessoa que as tomasse, que escapasse.

E avermelharam-se-lhe immediatamente os olhos.

O boticario retirou-se levando comsigo o Leonardo, que trouxe as pilulas. A comadre, olhando para ellas, abanou a cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que elle lhe mandasse dar alguns banhos; cá por mim, com alecrim havia de pô-lo bom,

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de tres dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o compadre deu alua a Deos.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compareceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham vindo tambem algumas outras pessoas vizinhança.

Estavam todos sentados em um grande canapé, na varanda, e conversavam muito entretidos sobre

os objectos mais diversos ; algumas achavam mesmo na conversação motivo para boas risadas ; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre sahio de dentro com o lenço nos olhos, soluçando desabridamente e repetindo em altos gritos :

— Bem dizia eu que tinha pouca fé nas pirolas ; está para ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape.... Coitado do compadre... tão boa creatura.... nunca me constou que fizesse mal a ninguém...

Estas palavras da comadre foram o signal de rebatê dado á dôr dos que se achavam presentes ; desatou tudo a chorar, e cada qual o mais alto que podia. O Leonardo soffreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com á cabeça sobre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porque a dôr o perturbava, o mais perto possivel de Luizinha. Continuaram os mais no seu côro de pranto dirigidos pela comadre ; mas não se contentavam só com o pranto, soltavam tambem algumas vèzes exclamações em honra do defunto.

Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escândalo d'elle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava máo fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigara por este motivo umas poucas de vezes.

—Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; havia de ser como elle quem quizesse ter boa alma.

—Eu que lidei com elle; dizia a comadre, é que sei o que elle valia; era uma alma de santo em um corpo de peccador.

—Bom amigo....

—E muito temente a Deos....

Prolongada esta scena por algum tempo, despediram-se algumas pessoas, outras ficaram ainda. Foi serenando o pranto, e dahi a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora, que se achava junto della, a historia genealogica de cada uma de suas crias que se achavam presentes.

Finalmente retiraram-se todos, excepto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecera tomando conta da casa.

Approximou-se a noite, acenderam-se velas junto do defunto; fizeram-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

.—Então, senhora, principiou D. Maria, este homem não havia morrer assim sem ter feito seu testamento; pois elle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes se gozarem do que a elle lhe custou tanto trabalho.

—A mim, respondeu a comadre, nunca me fallou em semelhante cousa; mais, enfim, como isso são lá *negocios de segredo*.... talvez.

—Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por ahí se ache: é impossível que o *defunto não dispuzesse sua vida*; bem vezes lhe aconselhei em semelhante cousa.

—Tem razão D. Maria, eu acho também que deve haver alguma cousa.

E foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande commoda, que havia no quarto do defunto. Enquanto nisso se occupavam, Luizinha e Leonardo conversavam, ou antes cochichavam, como se diz vulgarmente. O que elles se diziam não posso dizê-lo ao leitor, porque o não sei; sem duvida a rapariga consolava o rapaz da perda que acabava de soffrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas acharam com effeito um testamento, e ficaram com isso muito satisfeitas.

Voltaram á varanda e surprenderam os dous no melhor da sua conversa. A comadre vendo-os sorriu-se, e D. Maria, fazendo sem duvida a respeito do que estavam elles fallando o mesmo juizo que nós, disse enternecida:

—Ella tem muito bom coração!

—E o d'elle não é peor, respondeu a comadre, E acrescentou com intenção:

—Estava um bom casal.

—Oh! Senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo....

—Tambem não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu-se com um sorriso de que a comadre não desgostou. Mudaram de conversa.

Passou-se a noite; no outro dia sahio o enterro com todas as formalidades do estylo. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão: para a companhia de quem iria o Leonardo? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituido a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante cousa ao Leonardo-Pataca e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe á idéa aquelle terrível pontapé que o fizera fugir de casa; além disso rarissimas vezes vira depois disso a seu pai, e estava completamente desacostumado delle. Não havia, porém, outro remedio; foi preciso obedecer e acompanha-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a puzera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na materia, e em pouco tempo deu volta a tudo aquillo.

Cumprê notar que se em vida do compadre corriam boatos que pareciam exagerados a res-

peito do que elle possuia, quando morreu pôde ver-se que esses boatos tinham ainda ficado muito áquem da verdade, pois deixara elle um bom par de mil cruzados em especie. Entregues alguns legados de pouca monta, etc. tudo o mais veio a calir nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho,

Nos primeiros dias tudo foram flôres por casa de Leonardo-Pataca, ainda que, para fallar a verdade, desde a primeira vista não sympathisara muito o moço Leonardo com a cara do objecto dos novos e ultimos cuidados de seu pai.

A comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com elle em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava tambem reunida á sua filha, e á sua neta. O Leonardo-Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reuniu-se desse modo a familia toda.

Tudo foram flôres ao principio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuaram as suas visitas por casa de D. Maria; e digamo-lo já, o rapaz e a rapariga iam pondo as mangas de fóra; verdade seja que José Manoel trabalhava, ajudado do seu cego mestre-de-reza, e não perdia tambem as esperanças.

Pouco tempo durou o socego em casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da filha

da comadre) começou a embirrar com o seu filho adoptivo; este que, como dissemos, não sympathisara muito com ella, começou uma balburdia de todos os peccados. Todos os dias travavam-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dous eram ambos altanadissimos, e muitas vezes o conciliador sahia mal servido, porque aquelle a quem não dava razão se revoltava contra elle. Se era, por exemplo a comadre, e dava razão a Leonardo, acodia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrario dava razão a Chiquinha, acudia o Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se mettia a apaziguar os dous.

Os negocios assim iam mal, pois mais dias menos dia haveria grande barulho em casa.

VI.

PEIOR TRANSTORNO.

Um dia Leonardo recolhera-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria estivera com ella longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse apparecido; de maneira que lhe fôra forçoso no fim de algumas horas retirar-se sem vê-la. Quem já teve um namoro, por menos serio que seja, e que levou um logro destes; quem se vio obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ella em tudo e por tudo para não incorrer-lhe no desagrado, só com o fim de trocar com *alguem* um olhar rapido, um sorriso disfarçado ou outra cousa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, ha de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe succedera,

e o desculparia de qualquer arrebatamento que na occasião o acommettesse. Ha espiritos, porém, de tal maneira *serrazinas*, que se divertem em augmentar a irritação alheia, e que quanto mais enfiado pilham um infeliz, tanto mais gostam de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um genio assim; e depois que moravam todos juntos, não perdia uma só dessas occasiões em virtude da antipathia que tinha ao rapaz, para fustigar de lingua ao pobre Leonardo. Este, de um genio colerico e pouco acostumado a ser contrariado, ia ás nuvens com semelhante cousa; e se em occasiões ordinarias em que estava de bom humor eram constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas occasiões como naquella a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e então porque motivo! Vendo Chiquinha entrar o Leonardo pela porta dentro de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguem, sorrio-se com malignidade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebêra o que aquillo queria dizer, fez um gesto arrebatado, sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto d'elle: com a quéda rebentaram-se os fios, e uma

porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciumes pela sua almofada. Levantou-se ella do seu lugar já fervendo de raiva; poz as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça á medida que fallava, exclamou :

— Ora dá-se um desaforo de tamanha grandeza?... vir da rua com seus azeites, todo esfogueado, e de proposito, e muito de proposito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem que nem para que!...

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sopear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava folego, respondeu com voz tremula e inter-cortada :

— Não se metta com a minha vida, porque eu tambem não me importo com a sua; se estou com os azeites...,

— Ah bom covado e meio ! atalhou Chiquinha, ah bordo da náó !... ah major Vidigal !...

— Já lhe disse....

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... namorado sem ventura....

Estas palavras fizeram o effeito de uma faisca em um barril de polvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de colera.

— Se me diz mais meia palavra... perco-lhe o respeito.... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o quer que é de meu pai.... perco-lhe o respeito....

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudio apressado ao barulho, e veio achar os dous ainda em attitude hostil; vendo o filho quasi não quasi a desfeitear o adorado objecto de seus derradeiros affectos, não trepidou em desbaratar com elle.

— Pedação de mariola.... pensa que isto aqui é como a casa de teu padrinho donde sahiste?... quero aqui muito respeito a todos,.. do contrario.... se já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos annos por fóra, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre....

— Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afear mais o caso; nunca pensei que na sua companhia se viesse a soffrer semelhante cousa....

— Não faças caso, menina, isto é um pedaço de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguem dou-lhe uma rodada, senão por tua causa.

— Por causa della!... atalhou o rapaz; tinha

que ver ! ha de lhe dar bom pago; tão bom como a cigana...

— Mas nunca lhe hei de dar, acudio Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe...

Com isto o Leonardo-Pataca desacoroçoou completamente; que diluvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cahir sobre sua cabeça !

— Espera, maltrapilho, espera que te ensino, exclamou vermelho de colera; espera que te ensino....

E entrando repentinamente no quarto da sala, sahio de lá armado com o espadim do uniforme, e investio para o filho. Convém dizer que o espadim ia embainhado.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que elle estava vestido.

Era inutil, porém, o medo de Chiquinha; porque o rapaz, vendo que o negocio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instinctivo do pai, depois daquelle pontapé, que nunca lhe sahira da memoria tinha-se posto ao fresco na rua, fechando a rotulã sobre si.

— Ah ! maroto, disse ainda o Leonardo-Pataca, que te havia desancar....

O Leonardo que fugia por um lado e a comadre

que entrava por outro, pois estivera ausente durante toda a scena. Apenas foi largando a mantilha e vio os dous actores que tinham ficado em scena ainda nas posições do ultimo quadro, tratou de indagar qual fôra o drama que se acabava de representar.

— Ora foi uma das costumadas do afilhado dos seus amores, respondeu Chiquinha, ainda não socegada.

— Porém ia-lhe sahindo cara desta vez, acudio Leonardo-Pataca.

— Pois devéras, atalhou a comadre indignada : pois devéras o compadre estava armado de espada para dar no rapaz ?

— Olá ! Que levava tão duro como osso !

— Mas então porque ? Quantas mortes fez elle de uma vez ? Onde é que pôz fogo na casa ? Triste cousa é um filho sem mãe !... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de succeder ?...

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo havia de tomar as dôres por elle, segundo é seu costume. Ahí está ; muitos filhos têm mãe, e entretanto ellas servem-lhes para isto : tomam as dôres por outros, e deixam-os de banda.

— Qual ! Historias ! E' que tudo leva seu bocado de máo caminho.

— Oh ! Senhora ! Atalhou Leonardo-Pataca, se isto vai assim, não ha um momento de socego.

nesta casa ; acabada uma, começa outra ; o que não ha de dizer esta vizinhança ? Olhem que isto aqui é casa de um official de justiça.

— Mas, enfim, disse a comadre, onde está o rapaz ? Onde é que o enterraram ?

— Sahio por alli desencabrestado, e tomára que cá não volte.

— Ora está bonito ! Oh ! mas isto não pôde ser assim ; correrem com o rapaz de casa para fóra !... Elle não é nenhum desgraçado, pois sempre tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o puzeram a perder.

— Sim, mettam-lhe fumaça de rico na cabeça, e hão de ver no que dá.

— Coitado, disselamentando a comadre, aquelle nasceu com má sina.

E tomando de novo a mantilha, sahio com as lagrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sahir escoravam-a á janella tres ou quatro vizinhas.

— Então o que é que fizeram ao moço ?

— Que foi isso, Sra. comadre ?

— Elle passou por aqui pondo dez leguas por hora.

— Deixe-me, deixe-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

VII.

REMEDIO AOS MALES.

O pobre rapaz sahira, como dissemos, pela porta fóra e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para trás, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim com que o pai o ameaçára, que parecia com elle querer acabar a obra que com um pontapé começára. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar consigo lá para as bandas dos Cajueiros: cansado, offegante, sentou-se sobre umas pedras, e quem o visse com o ar tristonho e pensativo julgaria talvez que elle scismava na sua posição e no caminho que havia de tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em cousa muito mais agradável; pensava em Luizinha. Pensando nella não podia, é verdade, abster-se de ver surgir

diante dos olhos o terrível José Manoel; e isto explicava certos movimentos de impaciência que de vez em quando se lhe podiam observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quando foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas detrás de umas moitas vizinhas. Estremeceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que lhe tinham lido os pensamentos que lhe passavam pela mente e que se riam delle. Voltou-se, nada vio; guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar, e sem grande trabalho vio, atrás de umas moitas, um poucò altas, uns poucos de rapazes e raparigas, que, assentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sobre dous parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado e sujo, desenca-beçavam uma intrincada partida de bisca!

As gargalhadas que ouvira a pouco tinham sido a consequencia de um capote que um delles acabava de levar. A' vista daquelles restos de um jantar, que, se não parecia ter sido abundante, fez-lhe lembrar que sahira de casa na occasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estomago umas formidaveis badaladas. Tentou entre-tanto voltar, porque não se queria metter em festa alheia, quando levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nelle o seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que, apesar

disso, se quizesse retirar, já era tarde, porque com o movimento que fizera, o jogador, dando com elle, o havia tambem conhecido.

— Olá Leonardo! porque carga de agua vieste parar a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquelle maldito dia em que nos vimos em pancas por causa do mestre de ceremonias, nunca mais te puz a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma cousa do que ainda havia. Quiz fazer cerimonia, mas não estava em circumstancias disso: uma das moças servio-o, e enquanto continuava a bisca, comeu elle a barrete fóra.

— Escorropicha essa garrafa que ahi resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquelle que em outro tempo escorropichavamos juntos das galhetas da Sé, com desespero de meu pai e furor do mestre de ceremonias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabaram tambem o dous parceiros de jogar; chamou então o amigo á parte, e perguutou:

— Então que gente é esta com que té achas aqui de sucia?

— E' minha gente.

— Tua gente?

— Sim, pois não vês aquella moça morena que alli está?

— Sim, e então?

— Ora!

— Pois tu casaste?

— Não... mas que tem isso?

— Ah!... estás de moça!

— E tu?

— Eu... ora nem te digo... morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.

— Fui para a casa de meu pai... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cujá* delle; elle corre de espada atrás de mim, e eu safo-me. Parei alli adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davam...

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir?

— Homem eu ia ver...

— Ver o que?

— Ver por ahi...

— Por ahi, por onde?

— Nem mesmo eu sei...

E desataram os dous a rir. Quando temos apenas 18 a 20 annos sobre os hombros, o que é um peso ainda muito leve, desprezamos o passado, rimo-nos do presente, e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanagio da mocidade.

— Sabes que mais? continuou o amigo de Leonardo, vem comosco, e não te has de arrepender,

— Mas com vocês para onde?

— Para onde? Sem duvida algum partido melhor tens a escolher? Queres fazer ceremonias?

Começava a cahir a noite.

— Vamos levantar a sucia, minha gente, disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vai cantar uma modinha.

— Sim, sim, uma modinha primeiro; áquella: « Se os meus suspiros pudessem.

— Não, essa não, cante antes aquella: Quando as glorias que eu gozei.

— Vamos lá, decidam, respondeu uma voz de moça aflautada e languida.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 annos, de altura regular, hombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os labios grossos e humidos, os dentes alvissimos, a falla era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada phrase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo cahido de cabeça para trás, talvez gracioso se não tivesse muito de affectado.

Assentou-se, finalmente, que ella cantaria a modinha « Se os meus suspiros pudessem.

Tomou vidinha uma viola, e cantou acompanhando-se em uma toada insipida hoje, porém de grande aceitação naquelle tempo, o seguinte :

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.
 Não são de zelos
 Os meus queixumes,
 Nem de cume
 Abrazador ;
 São das saudades
 Que me atormentam
 Na dura ausencia
 De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha quêda para aquellas cousas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi applaudida como cumpria. Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cestos, e puzeram-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho.

VIII.

NOVOS AMORES.

Chegaram todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céos um desses luares magnificos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Valla. Naquelles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguem ficava em casa ; os que não saham a passeio sentavam-se em esteiras ás portas, e alli passavam longas horas em descantes, em cêas, em conversas, muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adoptaram o expediente das esteiras á porta, e continuaram assim pela noite em diante a sucia em que haviam gasto o dia, pois aquillo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que tambem tomára parte, era o final de uma patus-

cada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão communs e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nos pudéssemos soccorrer aqui do amigo José Manoel, sem duvida nos desfolharia elle toda a arvore genealogica dessa familia, a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*; porém contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibam, pois, que a familia era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com tres filhos e outra com tres filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os tres filhos da primeira eram tres formidaveis rapagões de vinte annos para cima, empregados todos no Trem; as tres filhas da segunda eram tres rapagarigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas, cada uma no seu genero. Uma dellas já os leitores conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira, como uma de suas irmãs; a ultima era tambem solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará tambem a conhecer o que era elle proprio na familia. Os mais que se achavam presentes eram pela maior parte vizinhos, que se reuniram

para aquellas sucias, que eram tradicionaes na familia.

Quando chegaram á casa, o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte, e começou a conversar com ellas, sem duvida a respeito do Leonardo, pois que o olhavam todos tres durante a conversa; e mesmo quem tivesse o ouvido atilado teria escutado ás velhas estas palavras:

— Coitado do moço!...

— Ora vejam que pai de más entranhas!...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, fallando claro, mais juizo e outra educação, envergonhar-se-hia talvez muito de achar-se na posição em que se achava o Leonardo, porém elle nem nisso pensava, e o que é mais, nem mais pensava naquillo que até então lhe não sahia da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manoel do outro; agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o eco da modinha que ella cantara. Estava, pois, embebido em um extasi contemplativo.

No mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mal se haviam todos sentado em uma larga esteira junto á soleira da porta sobre a calçada, o Leonardo propoz logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha acompanhando

este *qual* da sua costumada risada ; estou já tão cansada... que nem posso !

— Ora... ora... disseram umas poucas de vozes. Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito accentuado ; respondeu ainda portanto :

— Qual... pois se eu tambem já cantei tudo que sabia. Qual, meu Deos ! nem eu posso mais !

— Ainda não cantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu tambem, accrescentou outro, ainda não lhe pedi aquella cá do peito.

— Qual, meu Deos ! Onde é que isto vai parar !

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, creatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um responso para cantardes uma modinha ?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vozes, conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas negações, Vidinha decidio-se, e tomando a viola cantou, seguindo a indicação de uma das velhas, o seguinte :

Duros ferros me prenderam
No momento de te ver ;
Agora quero quebra-los,
E' tarde não pôde ser.

Este ultimo passo acabou de desorientar comple-

tamente o Leonardo ; ainda bem não tinham expirado as ultimas notas do canto, e já, passando-lhe rapido pela mente um turbilhão de idéas, admirava-se elle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina semsaborona e exquisita, quando haviam no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta ultima.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdára de seu pai aquella grande copia de fluido amoroso, que era o seu principal caracteristico. Com esta herança parece, porém, que tinha elle tido tambem uma ontra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manoel fôra o primeiro ; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que ha pouco dissemos, isto é, que naquella familia haviam tres primos e tres primas, e se ogora accrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter scismado alguma cousa a respeito. Tres primos e tres primas, morando na mesma casa, todos moços... não ha nada mais natural ; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre, porém, ainda observar que o amigo do Leonardo tomára conta de uma das primas, e que deste modo vinha a haver tres primos

para duas primas, isto é, o excesso de um primo. A vista disto o negocio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que haviam dous primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era attendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas, por ora, de nada sabia elle, entregava-se tranquillo ás suas emoções sem se lembrar do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas ha assim um certo direito inutuo em negocio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastaram grande parte da noite alli sentados, e trataram de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu proprio nome de Thomaz com o appellido—da Sé— ambos herdados de seu pai, declarou que o seu amigo ficava alli por aquella noite, por já ser muito tarde; quiz assim poupar-lhe um vexame, e mostrou nisto ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está installado em quartel seguro, vamos occupar-nos de alguma cousa de importante, que haviamos deixado suspensa.

IX.

JOSÉ MANOEL TRIUMPHA.

A comadre corrêra toda a cidade, e em parte alguma encontrára o Leonardo; emquanto cansava-se assim a procura-lo, estava elle tranquillo e descansado, mirando-se nos olhos de Vidinha, regalando-se a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cansada, foi ter á casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ella entrava sahia o mestre de reza que acabava de dar a sua lição ás crias de casa. A comadre ha algum tempo que andava desconfiada do mestre de reza; combinando o que por ahi se dizia do seu credito com certas cousas que tivera occasião de presenciar, estava quasi a concluir que era elle emissario de José Manoel junto á côrte de D.

Maria. Não gostou, portanto, do encontro, e doeu-lhe o cabello vê-lo sahir áquella hora, pois que de ordinario as lições não se demoravam até tão tarde ; e para mettê-lo á bulha disse-lhe :

— A lição hoje foi comprida, devoto... as raparigas parece que gostam mais da *cambetice* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, ellas não vão mal, empacam em alguns lugares, mas sempre vão indo ; bem sabe tambem que sempre trago comigo o santo remedio.

E afagou o cabo da palmatoria com que sempre andava armado.

— Ah ! Então esteve o devoto de conversa ; gosta tambem de dar á lingua...

— Não desgosto ; mas tambem não digo senão aquillo que sei, isto é, aquillo que ouço ; os outros gastam o seu tempo a ver e a ouvir ; eu, como não posso senão ouvir, emprego a fallar o que os mais empregam a ver ; fallo, e fallo muito ; mas que quer se me sobra tempo para isso ; e demais, bem sabe que não é trabalho que canse. Meus pais eram Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterraram-se mortos e enterraram-se vivos ; pois eu não posso fazer outro tanto, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem

que muito gyra por toda esta cidade, souber por ahi noticias de meu afilhado Leonardo, queira vir dar-me parte, pois sahio-nos elle hoje de casa lá por causa de umas historias, e não sei por onde andará dando com os ossos.

— Ora, isto fica por minha conta ; não ha nada mais facil do que dar com elle.

E aqui terminou esta conversa, que tinha lugar na porta da rua, e com a qual não ficára a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de lhe dar tempo de tirar a mantilha :

— Então já o rapaz não está em casa ? Senhora, aquillo é genio, nasceu com elle, e com elle ha de ir á sepultura. Bem me diziam o que elle era, e apesar do seu ar sonso nunca lhe fiz fé.

— Adeos que me está a senhora a pôr culpas em quem não as tem ; o rapaz desta vez tem toda a razão.....

— Ora, historias da vida ; isso diz você porque o estima como se fosse sua mãe ; mas vá com esta que eu lhe digo : os rapazes de agora andam de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho — Deos lhe falle na alma, — foi o proprio que teve culpa de tudo isso com aquellas fumaças de Coimbra, que lhe mettu na cabeça...

— Mas, senhora de Deos, se o bruto do pai até chegou a corrê-lo de espada na mão...

— Que tal não faria elle ! Mas que tinha isso ? O pai não o havia esquartejar... por certo, que eu bem lhe conheço o genio; aquillo era raiva, e havia de passar; devia elle sujeitar-se... sempre é seu pai.

— Com a Virgem Santa ! Pois se tudo isso foi por uma cousa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é cousa em que se creia ? !... E agora para onde é que ha de ir aquelle coitado ?...

— Ha de estar por ahi mettido em algum fado de ciganos: não se lembra do que elle fez quando o padrinho era vivo ?

— Ora, crianças... para que fallar nisso ?

Este dialogo ia continuando interminavel sobre o mesmo assumpto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse á comadre :

— Ora é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar...

— Contas !...

— E muito compridas, começo por dizer, accrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta occasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr á confissão este anno trate de desobrigar-se de um grande peccado que commetteu.

— E eu que já não tenho poucos : mas então o que e ?

— E' um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquillo ia parar ; o aleive mais moderno de que a accusava a sua consciencia bem sabia ella qual era. Começou a ver tudo claro como o dia ; viu José Manoel justificado completamente aos olhos de D. Maria a respeito da historia do roubo da moça no Oratorio de Pedra, e viu tambem como medianeiro dessa justificação o cego mestre de reza. Ficou, pois, visivelmente incommodada ; voltava-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a banquinha em que estava sentada, e teve um forte accesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquellas ultimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manoel naquella historia do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nella máo signal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo accesso de tosse acommetceu a comadre.

— Pois olhe, proseguio D. Maria, tinha eu dado todo o credito, tanto que havia rompido por um excesso com o pobre do homem, mas não cáio em outra ; esta me servio de emenda.

A comadre vio que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrario ; comprehendeu que D.

Maria estava muito bem informada, e que inútil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado ; isso só serviria para aggravar-lhe a posição.

Forjou, pois, repentinamente um novo plano e disse :

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo ; o homem está nesse negocio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus proprios olhos.

— Ah ! senhora, era o diabo por elle ; nunca vi cousa assim tão parecida. Outro dia, porém soube, de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que de offendido que estava com o modo por que eu o tratava custou muito a vir, e abri-me aqui com elle.

E uma cousa lhe digo, é que a comadre não está bem no negocio; elle expoz-me certas cousas... a que eu enfim não quiz dar credito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse : elle já o sabia, e não era possivel negar-lh'o. Foi então que elle me quiz abrir os olhos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naquelles *outros pontos*, tratava de desviar a conver-

sação, fazendo que não dera atenção a essas ultimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como tinha sido o negocio? Quero ver se combina cá com o que sei.

— Ainda ha pouco acabou de sahir daqui quem me pôz o negocio todo em pratos limpos.

— Ah! Disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: « nunca me enganei! »

D. Maria proseguio contando á comadre que tendo fallado em semelhante negocio ao mestre de reza, elle lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manoel; que muito tempo lutára com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que, finalmente, depois de grande resistencia, tinha-lhe elle trazido á casa, mesmo no dia antecedente, o pai da moça, que tudo confessára, declarando até o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que elle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— E' exactamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo assim mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida: a levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de passar tinha sido com effeito obra do

mestre de reza. Pouco a pouco se tinha instruido do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manoel ; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga ; indagou tambem o que se passava em casa de Leonardo-Pataca ; e como lá se fallava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas cousas com outras, chegaram á conclusão certissima daquillo que com effeito se passára.

D. Maria pareceu dar credito ao arrependimento da comadre, e começou-lhe a applacar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voltaram á questão da sahida do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexivel para com o rapaz. Entretanto á comadre não lhesahiram da cabeça aquellas palavras de D. Maria: « *abrio-me os olhos sobre outros pontos;* » e depois que vio D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto, e como que pedir explicações. Ella previa a significação daquellas palavras, sem duvida nenhuma que se referiam ás suas pretensões ou ás de seu afilhado sobre Luizinha, porém queria saber as côres com que esse negocio tinha sido pintado a D. Maria por José Manoel.

Isso foi-lhe porém fatal, porque soube (o que lhe não foi nada agradável) que o negocio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo con-

trario muito adiantado a favor do seu adversario. D. Maria, depois de declarar que José Manoel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porquê tinham sobre elle cahido suspeitas, que confessava justas, accrescentou, finalmente, que José Manoel, completamente justificado, graças á intervenção do mestre de reza, acabára por lhe dar a entender alguma cousa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradavel, porque, emfim, segundo allegava, José Manoel era um homem sisudo e de juizo, tinha corrido mundo, e não era nenhum criança (esta palavra doeu á comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descoroçoou completamente com estas ultimas declarações; porém o que fazer na occasião? Ella mesma tinha ha pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser iujusto com o proximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquella occasião, alguma cousa contra José Manoel, tanto mais que tão mal se havia sahido da primeira intriga que armára. Contentou-se, pois, com repetir uma observação que D. Maria mesma lhe havia feito ha pouco tempo, e disse, referindo-se a Luizinha:

— Gente, pois a quella criança já está para essas!...

— Sim, respondeu D Maria, está ainda verdezinha, mas tambem isso não é sangria desatada.

A comadre respirou, pois vio que ainda havia tempo a ganhar.

O AGGREGADO.

Passaram-se assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas todas as ceremonias, foi declarado aggregado á casa de Thomaz da Sé, e ahi continuou convenientemente arranjado. Ninguem se admire da facilidade com que se faziam semelhantes cousas; no tempo em que se passavam os factos que vamos narrando, nada havia mais commum do que ter cada casa um, dous, e ás vezes mais aggregados.

Em certas casas os aggregados eram muito uteis, porque] a [familia tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos occasião de dar exemplo disso quando contámos a historia do finado padrinho de Leonardo; outras vezes, porém, e estas eram em maior numero, o aggregado, refinado va-

dio, era uma verdadeira parasita que se prendia á arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajuda-la a dar os fructos e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo della. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hypothese o esmagavam com o peso de mil exigencias, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara; se o filho mais velho da casa, por exemplo, tomava por seu divertimento, e á menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciencia de martyr; o aggregado tornava-se quasi rei em casa, punha, dispuuha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha emfim nos mais particulares negocios.

Em qual dos dous casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o decida pelo que se vai passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida sympathia por elle, e era esse o unico ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipathias, tambem não lhe faltavam por contrabalanço sympathias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projecto que elle formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas, note-se que para não falhar

a lei das compensações, que pesava constantemente sobre elle, logo o projecto, a intenção e desejo que teve succedeu ser a respeito de uma *cousa* que já tinha despertado igual projecto, intenção, e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha elle de lutar com duas difficuldades.

Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve : um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direcção de quantos sopros por ella passassem ; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da rhetorica, que ella era uma formidavel namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquelle tempo. Portanto, não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negocio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte, embora esta ultima hypothese vá de encontro á opinião dos ultra-romanticos, que poem todos os bófes pela boca, pelo tai— primeiro amor : —no exemplo que nós dá o Leonardo aprendam o quanto elle tem de duradouro. Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o attendido naquella occasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como

seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desatendido, teve dobrada razão para isso, porque, além do irmão apresentava-se o Leonardo como segundo concorrente, e o furor de quem se defende contra dous é, ou deve ser sem duvida, muito maior do que o de quem se defende contra um. Declarou-se, portanto, desde que começaram a apparecer os symptomas do quer que fosse entre Vidinha e o nosso hospede, guerra de dous contra um, ou de um contra dous. A principio foi ella surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de mãos modas de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento de Leonardo, passou a dicterios, a chasques, a remoques. Um dia, finalmente, desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e foi causa disto ter um dos primos pillhado o feliz Leonardo em flagrante gozo de uma primicia amorosa, um abraço que no quintal trocava elle com Vidinha.

— Ahi está, minha tia, dissera enfurecido o rapaz dirigindo-se á mãe de Vidinha, ahi está o lucro que se tira de metter-se para dentro de casa um par de pernas, que não pertence á familia.

— Onde é, onde é que está pegando fogo? disse a velha em tom de escarneo, suppondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se alli pegar fogo não haverá agua que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa, occasião, tomou a palavra e fallou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dous primos (pois que o outro já tinha tambem interviúdo) uma tremenda catilinaria em que a palavra—qual—foi repetida enorme numero de vezes. Leonardo teve tambem de defender-se, e fallou pelos cotovellos. As duas velhas acompanharam aos quatro, seguidas das outras duas moças, que mettiã tambem de vez em quando a sua colherada.

Seria inutil a tentativa de querermos repetir as palavras textuas de cada um dos falladores; isso seria cousa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se em uma tempestade os pingos de chuva que cahem. Só quem já teve occasião de assistir póde bem avaliar o que era e talvez ainda é uma dessas brigas no interior de uma família. Todos fallam a um tempo, esforçando-se cada um por fallar mais alto do que todos os outros; ninguem parece attender ás desculpas que se apresentam, nem ás recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente offendido; as juras se cruzam, as ameaças se

chocam ; não fica no dictionario termozinho de escolha que não sáia á frente ; umas questões trazem outras, estas ainda outras ; recorre-se ás offensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversarios. Tudo, enfim, se diz, e nada se consegue ; a briga dura muitas horas, ao termo das quaes os contendores, *fatigatis sed non sáciatis*, abandonam o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a principio. E se por acaso, tocando já em retirada, algum ousa ainda soltar uma derradeira imprecação, pega de novo a couisa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vezes fica tudo em palavra.

Desta vez, porém, não succedeu assim : um dos primos, que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injuria, e deu-lhe dous safanões, agarrando-o pela golla da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pai, reagiu contra o aggressor ; as duas velhas e Vidinha, tentando aparta-los, não faziam mais do que romper-lhes a roupa e augmentar-lhes a raiva ; as de mais pessoas occupavam-se em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Lutaram os dous por algum tempo sem que disso resultasse accidente grave para nenhum delles, e afinal apartaram-se. Leonardo, apenas se vio livre do seu adversario, foi querendo pôr-se no andar da rua : pesava sobre o infeliz

desde criança uma especie de sina de Judêo Errante. As velhas, que em todo o barulho tinham tomado o partido d'elle, não consentiram porém nisso; allegaram que estavam em sua casa, e podiam mandar como quizessem. Leonardo insistio apesar disso e apesar dos rogos de Vidinha ; porém no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ella a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doudo de pedras...

O Leonardo recuou dous passos : naquelle momento, assim como lhe aconteceu desde que sahio de casa de seu pai, nem lhe passava pela idéa que tivesse no mundo uma madrinha, um pai, ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguem na casa conhecia a comadre.

Tantas cousas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acolhêra o afilhado, e immediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquellas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exhortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dirigir-se a ellas em primeiro lugar. Com effeito dirigio-se, e entraram as tres em conferencia.

XI.

MALSINAÇÃO.

As tres velhas conversaram por largo tempo, não porque muitas cousas se tivessem a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém porque a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendêra que para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para casa era mister contar desde sua origem a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pai, e a sua propria, que fôra mais comprida de todas, e porque as duas velhas entenderam que para dizerem que o Leonardo estava alli muito bem e que não consentiriam que elle sáhesse, entenderam ser preciso fazer o que havia feito a comadre — contar a sua vida e de toda a familia desde as éras primitivas.— Ora, como todas essas historias contadas de parte a parte eram cheias de episodios,

já sentimentaes, já tocantes, já alegres, aconteceu que entre muita gargalhada correram tambem algumas lagrimas durante a conversação. Não ha nada que sirva mais para fazer nascer e firmar a amizade e mesmo a intimidade, do que seja o riso e as lagrimas : aquelles que se riram, e principalmente aquelles que uma vez choraram juntos, têm muita facilidade em fazerem-se amigos. Com effeito, no fim da conversa, as tres velha estimavam-se mutuamente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de expansão não fosse acompanhada da grande difficuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquelle tempo. Porém as sympathias que se creavam em uma hora de conversa transformavam-se em odio em um minuto de desavença.

Emquanto as velhas conversavam, os contendores acalmaram-se, passou a tormenta, e se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a attender ás supplicas de Vidinha e das outras moças que o não queriam por modo algum fóra de casa: os dous rivaes derrotados pareciam resignar-se.

Quando terminou a conferencia das tres, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a prégação ao Leonardo, e começou nestes termos :

— Rapaz dos trezentos demos, valham-te os seraphins... tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre creatura mais renegada do que tu. E's um vira-mundo; andas feito um valdevinos, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem officio nem beneficio, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá comnosco que falla, acudio uma das velhas, deixe-o estar onde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um gallo de brigas.

— Ora isso é lá cousa entre rapazes e raparigas; deixa-os que elles se arranjarão, redarguiu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquelle tempo!

A comadre ia proseguir; porém, sendo a cada passo interrompida, tomou por seu barato dar a cousa por finda. Retirou-se, ficando convenciona-do que Leonardo permaneceria onde estava.

Vidinha ficou contentissima com semelhante resultado; os primos, porém, fizeram má cara, porque tal não esperavam. Desde que viram que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atiraram algumas indirectas, com as quaes ia tudo pegando fogo novamente; porém contiveram-se ainda; um delles chamou o outro em particular, e começaram por seu turno a conferenciar,

porém em segredo. Não havia nada mais natural : o inimigo era commum, juntavam-se para ataca-lo; depois que elle fosse derrotado, a questão se decidiria então entre os dous.

Depois desta ultima conferencia serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passaram-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias mais se estreitaram os laços entre o Leonardo e Vidinha. E' sempre assim que succede : quereis que nos liguemos estreitamente a uma cousa ? Fazei-nos soffrer por ella. Os dous tinham soffrido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afillhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia, enfim, nos seus eixos naturaes ; porém os dous primos tramavam, e tramavam largamente. Ninguem, entretanto, atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fóra pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia forjaram uma patuscada semelhante á que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a familia. Deviam sahir de madrugada da cidade e passarem fóra o dia. Preparou-se tudo ;

cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola ; avisaram-se os convivas do costume.

A' hora aprazada partiram.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dous primos deixavam-se de vez em quando ficar atrás, e cochichavam como se tramassem uma conspiração. Ninguem, porém, dera atenção a semelhante cousa.

Chegaram ao lugar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram surdir, ninguem soube bem donde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso celebre major Vidigal. Correu por todos um signal de pouco contentamento, excepto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de intelligencia e triumpho.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instinctivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada :

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum papa-crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguem. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo tremulo :

— Sou eu.....

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofo, eu não sabia !... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto : um sucio de menos em uma patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai conosco. Se elle puder, voltará em breve.... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deos ! mas porque é então isto ! que mal é que elle fez !

— Elle não fez, nem faz *nada* ; mas é mesmo por não fazer nada que isto que lhe succede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros, com que viera o major acompanhado, foi tratando de conduzir o Lenardo.

O Vidagal seguiu-os tranquillamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente :

— Adeos minha gente.

Vidinha desatou a chorar, exclamando :

— Foi malsinação !

— Foi malsinação ! repetiram todos, menos os dous primeiros.

A sucia levantou-se.

XII.

TRIUMPHO COMPLETO DE JOSÉ MANOEL.

Era um sabbado de tarde ; em casa de D. Maria havia um lufa-lufa immenso : andavam as crias e mais escravos de dentro para fóra ; espanava-se a sala , arrumava-se as cadeiras , corria-se, fallava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fóra do ordinario, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem que a prata do bordado estava já mareada, e o mais do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidavel par de rodellas de crysolitas nas orelhas, e dez ou doze anneis de diversos tamanhos e feitios nos dedos.

Luizinha trajava tambem um vestido que qual-

quer menos entendido na materia desconfiaria que era filho legitimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosario de ouro de contas mui grossas na cintura.

Acabavam de sahir as duas assim preparadas do quarto de vestir, quando sentio-se rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu ; D. Maria levou o lenço aos olhos, tirou-o em pouco tempo molhado de lagrimas.

— Está ahi a carruagem, gritou uma das crias que estava de sentinella á janella.

A carruagem era um formidavel, um monstruoso machinismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro desmesuradas rodas. Não parecia cousa muito nova, e com mais dez annos de vida poderia muito bem entrar no numero dos restos infelizes do terremoto, de que falla o poeta.

Mal tinha este trem parado á porta, sentio-se o rodar do outro que veio parar junto d'elle. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha póde perfeitamente applicar-se aos dous trens ; o segundo parecia filho legitimo do primeiro.

Do ultimo que chegára apeou-se José Manoel, e entrou em casa de D. Maria, que o veio receber á porta.

E' inutil observar que a vizinhança estava toda.

à janella, e via todo aquelle movimento com olhos regalados pela mais desabrida curiosidade.

José Manoel trajava casaca de seda preta, calções da mesma fazenda e côr; trazia meias também pretas e sapatos de entrada baixa, ornados com enormes fivellas de prata, espadim e chapéu de pasta.

Acompanhavam-o dous amigos vestidos pelo mesmo teor.

José Manoel estava com um ar entre compungido e triumphante, e desfazia-se em mesuras á D. Maria.

Depois de tudo isto, quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquella tarde com José Manoel?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou em um dos destroços da arca de Nôe, a que chamamos carruagem; José Manoel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partiram depressa para a igreja. Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de ser devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começaram estes últimos em conversa renhida, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sujeita que morava

junto de D. Maria para outra que morava defronte, o tal noivo poderá ser cousa boa, mas não dou nada pela cara d'elle.

— E a noiva?... respondia a outra; arrenego-tambem da lambisgoia...

— E o filho do Leonado ficou vendo estrellas?..

— Por força; venceu este porque é um finorio de conta.

— Se a velha deixar tudo á sobrinha, não é máo arranjo...

— De certo. Pois não sabe que o seu defunto marido era um homem que viajava para a India?

Neste tom continuaram até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triumpho de José Manoel.

Depois das boas obras do mestre de reza, de que os leitores já foram informados, José Manoel reabilitara-se completamente junto a D. Maria; tornara a frequentar a casa, e foi pouco a pouco pondo barro á sua parede. Um successo inesperado veio ajuda-lo com a maior efficacia. O testamenteiro do finado irmão de D. Maria, do pai de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta ultima, surdio de repente com uma nova prebenda relativa a uma pontinha do testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com elle em uma luta

judiciaria. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manoel offereceu-se para cuidar da causa; e com tanto geito **arranjou** tudo, que em muito pouco tempo, cousa que procurador nenhum terio feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora, os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ella com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciaria, que em taes casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ella no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a victoria.

José Manoel aproveitou-se disto; e no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final, que resolvia a pendencia em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi promettida sem grandes escrúpulos.

Luizinha estava nesta occasião em um daquelles periodos de abatimento, que se costumam produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marcham por aquella estrada florida, que leva dos 13 aos 25 annos, quando as opprime o isolamento.

Ora, como sabem todos os que me lêm, o Leonardo tinha abandonado Luizinha; ella aceitou portanto indifferentemente a proposta de sua tia.

XIII.

ESCAPULA.

Deixemos aos noivos o gozo tranquillo da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos á sua sobrinha, que os recebia indifferentemente, e em attenções para com José Manoel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente uma arithmetica completa, toda algarismos, toda calculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na occasião em que fôra arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. Em quanto caminhavam, o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa; mas elle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito attento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavam-se de vez em quando, quasi imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em todas estas occasiões pretextos para dar signaes de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéo de sol, que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos intimos:

— Cuidado! eu aqui estou.— E o Leonardo entendia tudo aquillo ás mil maravilhas; contrahia os labios de raiva e de impaciencia. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéa: queria fugir. D-sconfiava que ia para a casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deoses que alongassem de muitas leguas as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia comsigo:

— E' agora; quebro por alli fóra, e bato pernas.— Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma cousa que dizer ao grana-deiro, e passava-se a esquina. Se lhe apparecia á direita ou á esquerda um corredor aberto, pensava comsigo:— Embarafusto por alli a dentro, e sumo-me.— Mas, no momento em que ia tomar a ultima decisào, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que

o agarrava pela golla da jaqueta, e esfriava. Não eram os granadeiros que lhe mettiam medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavam naquella occasião pela cabeça contou uma só vez com elles; mas o Vidigal, o cruel major, era a quantidade constante de seus calculos.

O pobre rapaz, durante aquelles combates intimos, suava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que se assemelhava aquelle em que então se achava, era o que se havia passado, quando criança, naquelle meio segundo que levára a percorrer o espaço nas azas do tremendo pontapé que lhe dera seu pai.

Repentinamente uma circumstancia veio favorece-lo. Não sabemos porque causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma especie de vertigem, zuni-ram-lhe os ouvidos, esçureceram-se-lhe os olhos, e... dando um encontrão no granadeiro, que estava perto delle, desatou a correr. O Vidigal deu um salto e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos nas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distrahiu-se com o ruido que se fizera na rua, e aproveitou a occasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se immediatamente em seu alcance: o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus

perseguidores entraram incontinentemente atrás d'elle e subiram em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o haviam dobrado, e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham elles passado, sahe della Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquelle refugio, metteram-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não haviam reparado em tal com a precipitação com que entraram, e isso lhe valeu.

E' impossivel descrever o que sentio o Leonardo quando por entre as cortinas da cadeirinha vio-os passar e subir a escada. Foi uma rapida alternativa de frio e de calor, de tremor e de immobildade, de medo e coragem; veio-lhe outra vez á lembrança o pontapé paterno: era o termo constante de comparação para todos os seus soffrimentos.

Emquanto o Vidigal e os granadeiros varejavam a casa em que haviam entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro pulos achava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando: —Qual! ahí está elle!

Um raio de alegria illuminou todos os semblantes, menos o dos dous irmãos rivaes, que ficaram horriavelmente desapontados. As duas velhas tiraram da cabeça as mantilhas que já haviam tomado para dar providencias sobre o caso. A pre-

sença do Leonardo foi uma aura bemfazeja que espalhou as nuvens de uma grossa tormenta, que tendó começado a roncar quando Leonardo foi preso com aquellas palavras —foi malsinação — viera desabar de todo em casa, e promettia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a principio trocado com os primos algumas indirectas a respeito da prisão de Leonardo, julgára conveniente deixar-se de pannos quentes e fôra direito a elles, como se diz, com quatro pedras na mão, attribuindo-lhes o que acabava de succeder.

Elles denegaram e travaram-se com ella de razões. A principio as duas velhas estavam ambas da parte da Vidinha, porém tendo esta atirado tres ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia offendeu-se e tomou o partido dos dous filhos: a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã, e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavam, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dous campos com terriveis campeões de lado a lado, facil é prever-se o que teria succedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve elle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza quem fôra a causa do que acabava de soffrer, pois que o tinha percebido pela

conversa que com elle tentára travar o granadeiro.

O major Vidigal fôra ás nuvens com o caso : nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar; e entretanto aquelle lhe viera pôr sal na moleira; offende-lo em sua vaidade-de bom commandante de policia, e degrada-lo diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a protecção e tinha-o consigo em todas as occasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal tinha-o por seu inimigo irreconciliavel emquanto não lhe dêsse desforra completa.

Já se vê, pois, que as fortunas do Leonardo re-
dundavam-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquelle tempo ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *licita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrára o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.

XIV

O VIDIGAL DESAPONTADO.

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros ; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar séria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia elle consigo, gastar o meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gyra por esta cidade, conseguir, á custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aquelles que a ninguem temem e respeitam, os vadios peraltas, e agora no fim de contas vir um melquetrefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente ! Agora não ha garoto por ahi que, sabendo disto, não se esteja a rir de

mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este !

O major tinha razão : riam-se com effeito delle; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros, Apezar de que escravos da disciplina, empregavam os mais sinceros esforços para coadjuva-lo; e apezar tambem de que revertia para elles alguma gloria das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de succeder, pois conheciam a presumpção do Vidigal, repararam na cara desapontada com que elle havia ficado. Depois, apenas o major poz o pé fóra da soleira da casa, onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão immensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba, desta vez

Passarinho fei-se embora,
Deixou-me as pennas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bolsos.

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atrás da porta, replicava aquelle.

E um coro de risadas acompanhava cada um destes conselhos.

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha ! gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instinctivamente, correu á cadeirinha e abrio-lhe as cortinas.

Nessa occasião as risadas foram homericas: o major comprehendeu então qual fôra o meio por que lhe escapára o Leonardo, e soltou um — ah! — prolongadissimo. Emfim retirou-se acabrunhado, e ruminando projectos para sua reabilitação.

— Se aquelles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que elle era desta laia, eu não teria passado por esta immensa vergonha.

Por estas palavras vêm os leitores que as imputações da Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com effeito o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquelle motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dous rivaes: tinham elles malsinado ao Leonardo. Foram ter com o Vidigal, e sem precisar mentir armaram ao Leonardo uma cama muito bem feita: era um homem sem officio nem beneficio, vivendo á custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiencia, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalára os olhos quvindo a narração, e ficára muito agradecido aos dous rapazes pela nova que lhe levaram: era mais um pendão que ia

juntar aos louros de suas façanhas policiaes. A primeira tentativa custou-lhe, porém, bem caro.

Eis-aqui pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado : — Nada lhe seria mais agradável do que dia mais, dia menos, quando ninguém pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se á casa das duas velhas, cerca-la, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto, porém, repugnava ao seu orgulho offendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fôra isso para poder pilhar a capadocios de longa data, tidos e havidos como taes, e velhos no officio. Não queria, pois, servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia ; não havia de fazer cerco, e o que é mais, não queria de modo algum o adjutorio dos granadeiros ; jurava a si mesmo que elle sózinho, sem o apoio de ninguém, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando sentio-se repentinamente agarrado pelas pernas, e vio a seus pés uma mulher de mântilha, que chorava, soluçando muito com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora ? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuaram os soluços por unica resposta.

— Senhora, 'deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras.... entende?

Soluços ainda.

— Ora não está má esta.... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama, que é lugar quente.

Redobrou o pranto.

Valham-me trezentos diabos!.... Quando é que isto terá fim?.... Esta mulher acaba por atirar-me no chão...

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silencio, quando já o major estava disposto a empregar alguma-medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lagrimas :

— Sr. major, solte, solte por quem é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz ; elle é um doudo, é verdade, mas....

E os soluços lhe embargaram muito a proposito a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquella choradeira, ignorando que elle se tivesse evadido. A scena produziu o effeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia—solte, solte—desatavam a rir ; tendo por boca pequena explicado tudo aos demais circumstantes, estes os acompanhavam.

O major tomou tudo aquillo como um escarneo que o genio da vadiação e do garotismo lhe fazia: era mister que elle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua propria boca, diante de toda aquella gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou-o, e fugio de todos aquelles olhares, em cada um dos quaes via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retirar-se, e não pôde tambem deixar de achar graça no caso.

XV

CALDO ENTORNADO.

A comadre, tendo deixado o major entregue á sua vergonha, dirigira-se immediatamente para a casa, onde se achava Leonardo, para felicita-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou ; Vidinha, porém, e as duas velhas, por entre muita praga e esconjuro deram grandes risadas á custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de fallar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça ; e tanto que até a propria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O thema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma occupação,

de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergencias taes como a que acabava de dar-se. A sancção de todas as leis que a pré-gadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

— Haveis de afinal cahir-lhe nas unhas, dizia ella no fim de cada periodo; e então o covado e meio te cahirá tambem nas costas.

Esta idéa do covado e meio fez brecha no espirito do Leonardo: ser soldado era naquelle tempo, e ainda hoje talvez, a peor cousa que podia succeder a um homem. Prometteu, pois, sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrivel major. Achar, porém, occupação para quem nunca cuidou nella até certa idade, e assim de pé para mão, não era das cousas mais faceis.

Entretanto o zelo da comadre poz-se em actividade, e poucos dias depois entrou ella muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excellente arranjo, que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro, e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e attendendo só ao adjectivo real, todos os interessados e o proprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real?! oh! isso não

era cousa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inexgotavel, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante cousa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo installado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartellado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia, menos dias.

— Se elle se emenda?! dizia pezaroso o major; se elle se emenda, perco eu a minha vingança... Mas... (e esta esperança o alentava) elle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu ás mil maravilhas: só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despesa; mas isso não era cousa em que alguém fizesse conta.

O Leonardo, porém, parece que recebêra de seu pai a fatalidade de lhe provirem sempre os infortúnios dos devaneios do coração.

Dentro do pátio da ucharia morava um *toma-largura* em companhia de uma moça, que lhe cuidava na casa ; a moça era bonita, e o *toma-largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco ; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça ; e, apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento, que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objecto delle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o quer que fosse de esmorecimento de sua parte para com ella.

Um dia o *toma-largura* tinha sahido em serviço ; ninguem esperava por elle tão cedo : eram 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daquelles milhares de eșcaninhos que existem na ucharia, tinha ido ter á casa do *toma-largura*. Ninguem, porém, pense que era para máos fins. Pelo contrario, era para o fim muito louvavel de levar á pobre moça uma tigela de caldo do que á pouco fôra mandado a

el-rei... Obsequio de empregado da ucharia. Não ha aqui nada de censuravel. Seria, entretanto, muito digno de censura, que quem recebia tal obsequio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade : a moça convidou pois ao Leonardo para ajuda-la a tomar o caldo. E que grosseiro seria elle se não aceitasse tão bello offerecimento ? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta : a moça, que tinha na mão a tigela, estremece, e o caldo entorna-se.

O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou, sem duvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* corre-lhe tambem ao alcance, sem duvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que d'ahi a pouco ouvio-se lá por dentro barulho de pratos quebrados, de moveis atirados ao chão, gritos, alarido ; vio-se depois o Leonardo atravessar o páteo da ucharia á carreira, e o *toma-largura* voltar com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de menos.

Nô dia seguintè o Leonardo foi despedido da ucharia.

XVI.

CIUMES.

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cór e saltado tudo quanto havia succedido ao Leonardo, e pôz-se á lerta, pois que a occasião era opportuna.

O Leonardo entrara para a ucharia com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe cahio nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua sahida.

E' uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos affectos; porém não é tambem pequena desventura o cahirmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem devéras. O Leonardo podia dar a prova desta ultima verdade. Vidinha era ciumenta até

não poder mais : ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A umas dá-lhes para chorar em um canto, e choram ahí em ar de graça diluvios de lagrimas: isto é muito commodo para quem as tem de soffrer. Outras recorrem ás represalias, e nesse caso desbançam incontinentemente a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradavel para ellas proprias. Outras não usam da mais leve represalia, não espremem uma lagrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cáhe a noite, resmungam um calendario de lamentações, em que entram seu pai, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por ahí além; isso sem cessar um só instante, sem um segundo de descanso; de maneira a deixar na cabeça do misero que a escuta uma asuada eterna, capaz de fazer amollecere um cerebro de pedra. Outras entendem que devem affectar desprezo e pouco caso; essas tornam-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras, emfim, deixam-se tomar de um furor desabrido e irreprimivel; praguejam, blasphemam, quebram os trastes, rompem a roupa, espancam os escravos e filhos, descompoem os vizinhos; esta é a peor de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos economica, e tambem a mais infructifera. Vidinha era do numero destas ultimas.

Apenas, pois, como ha pouco diziamos, se verificou a verdadeira causa da sahida do Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que ha de preceder ao aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasphemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução :

— Minha mãe disse dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha...

— Filha de Deos, acudio a velha, que desatino é esse ? Onde é que ides agora de mantilha !...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho dito... quero a sua mantilha...

Foram todos reunindo-se em roda de Vidinha, sorprendidos por aquella resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quedo e silencioso.

Quero a sua mantilha, minha mãe ; quero, e quero...

— Mas por onde ides, rapariga ?... Ora, meu Deos !... Isso foi cousa que vos fizeram...

— Quero ir á ucharia...

— Jesus !.,.

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei ?... Hei de ir... hei de procurár o tal *toma-largura*... quero fazer-lhe cá duas perguntas... e, ou

o Menino-Jesus não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje cousa sobre cousa.

— Que loucura, rapariga... que desatino !...

Os dous primos riam-se interiormente do que se estava passando.

Não ha cousa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido ; estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudesse desviar do seu proposito : ella foi tomando a mantilha e dispondo-se a sahir : rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo vio que o caso estava mal parado, e tendo estado até então calado, decidio-se tambem a pedir a Vidinha que não sahisse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual !... responde Vidinha... essa agora é que havia de ser bonita... Qual ! pois eu não hei de sahir ?... Tinha que ver... então por pedido do senhor ? Ora qual...

E foi sahindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou toda na maior afflicção ; ninguem sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha a ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a principio

o Leonardo quasi que a perdia de vista ; finalmente conseguiu alcança-la, e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comedir-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha, porém, a nada attendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças ; Vidinha redobrou os passos : voltou de novo a rogativas ; Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço : Vidinha quasi a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braças atrás de si, entrou muito adiante d'elle pelo portão da ucharia a dentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se, se entraria também ou não. Finalmente decidio-se a entrar. No momento em que via transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira : uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela golla da jaqueta : era a mão do major Vidigal, com quem elle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inutil qualquer tentativa, porque alli perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para elle soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e des-cansadamente : Ora vamos...

O Leonardo entendeu bem a significação daquellas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direcção que este lhe indicava.

XVII.

FOGO DE PALHA.

Deixemos o Leonardo seguindo o seu destino, acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indagou alli, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldo*, achando-se nessa occasião descuidada, soffreu um grande austo com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instincto ser aquella a causa de seus males, foi largando a mantilha sobre uma cadeira e investindo para ella.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara que Vm. é uma creatura sem sentimentos.....

A moça, não podendo atizar com a significação daquillo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha proseguio :

— Não tem sentimentos, digo-lh'ò é ninguem me ha de desdizer.

— Vamos ver que diabo de historia é esta, bradou uma voz de éstentor.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquella occasião, e tendo ouvido as duas primeiras apostrophes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fosse a sua figura quasi herculea, Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença a'li favorecia suas intenções ; tanto que dirigindo-se a elle o foi logo apostrophando tambem pela seguinte maneira :

— E' Vm. um'homem que eu não sei para que traz barbas nessa cara...

A surpresa, e mesmo tambem a figura de Vidinha, decomposta pela raiva, desarmaram-o um pouco ; e respondeu mais mansamente :

— Então, menina, veio aqui só para dizer cousas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

— Ora, quem me havia de trazer? Respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira personagem desta scena um olhar significativo ; óra, quem me havia de trazer?... Quál!... eu vim só ver se podia tomar um *caldo* !...

A moça do *toma-largura* empallideceu, este regalou os olhos, e abanou com a cabeça como quem dizia — entendo, — e quiz ficar immediatamente muito zangado com a recordação daquelle facto, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinham feito esquecer. Vidinha, porém, para dizer aquellas ultimas palavras tinha serenado um pouco seu semblante, e ganhara muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronnciar 'o — qual — do costume, decerrara um ligeiro sorriso, deixando ver seus magnificos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez á familia dos Leonardos; enterneceu-se immediatamente, e não teve animo senão de sorrir-se e responder em tom desconcertado:

— Ora!,..

— Ora, replicou Vidinha: e então, elle não diz — ora? — Quall é preciso não ter pinga de vergonha: estas duas creaturas nasceram uma para a outra: Deos os fez e o diabo os ajuntou; uma toma *caldo* e o outro diz — ora...

E foi tomando a mantilha e tratando de sahir.

Dera tudo em fogo de palha. Ella tinha esperado achar respostas energicas ás suas invectivas e neste presupposto concertára mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disto, porém, tinha succedido e sem

saber porque, ella mesma se sentia um pouco alliviada, quasi até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dous; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito sahio dizendo:

— Ah! pensavam que a çousa havia de ficar assim? Disse-lhes poucas. porém boas....

O coração da mulher é assim; parece feito de palha, incendeia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza, que o mais leve sopro espalha e desvanece.

O toma-largura, apenas a vio sahir, em vez de proromper em uma matinada contra sua companheira, como ella o esperava, pallida e tremula, mostrou-se até tranquillo, pretextou um afazer e sahio tambem immediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano, cuja realização faria, como se costuma dizer, cahir a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia offendido; conquistar ainda que fosse uma diminuta-parcella do amor de Vidinha, seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar o triumpho de um desejo. Por mais impossivel que lhe parecesse o negocio, nem por isso esmoreceu; era tenaz e paciente.

Chegando ao portão da ucharia indagou da sentinella a direcção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ella e em breve alcançou-a: acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada e vio-a entrar em casa.

XVIII.

REPRESALIAS.

Quando Vidinha chegou á casa achou ainda toda a familia no maior susto e confusão pelo desatino que ella acabava de praticar ; as duas velhas, áo vê-la entrar, lançaram-se-lhe ao pescoço, e cobriram-a de abraços, de beijos e de lagrimas. Ella estava ainda, porém, sob a influencia das emoções violentas por que acabava de de passar, e não pôde corresponder áquellas provas de amizade ; atirou-se sobre uma banquinha, e levou algum tempo calada, sem dar a menor resposta ás mil perguntas que lhe eram dirigidas. Esse silencio mais augmentava a anxiedade da familia; finalmente resolveu-se ella a rompê-lo, exclamando :

— Pensavam que o caso havia de ficar assim ?

enganaram-se... Qual!... eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, rapariga, foste fazer alguma asneira...

— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra... E agora venha elle para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— E' verdade, e elle que ainda não veio... já tinha tempo de chegar, pois partio logo no vosso alcance...

— E' verdade... accressentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ucharia não entrou elle; e quando de lá sahi não o vi mais...

— Não lhe vá ter succedido alguma cousa!... O major o jurou!...

— O major!... repetiram todos com signaes do mais visivel susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores terão visto, apesar dos disabadores que o Leonardo causara áquella familia, todos alli, excepto os dous primos rivaes, queriam-lhe muito e muito bem. Fallar a qualquer dos dous primos para que o fossem procurar, era cousa de que ninguem se lembrava, tão certos estavam que elles se haviam de recusar. Tiveram, pois, de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providencias precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que em tudo

quanto se tem passado, em casa da familia de Vidinha não tenhamos fallado nesta ultima personagem, temo-lo feito de proposito, para dar assim a entender que em nada disso tem elle tomado parte alguma.

Cousa remota e primordial de todos estes acontecimentos, pois foi em consequencia de sua amizade que o Leonardo se juntou á familia; por muito feliz se tem dado em que não tenham cahido sobre elle inculpações de que com difficuldade se poderia defender; homem de tacto, conservára uma posição absolutamente neutral em todos aquellas lutas. Eis-aqui, pois, qual a causa do nosso silencio sobre elle.

Infelizmente naquella noite recolheu-se mais tarde que de costume, e quando chegou já não era tempo de fazer cousa alguma. Toda a familia passou a noite na maior anxiedade, desvanecidas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguem duvidava mais que alguma cousa tivesse succedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal apparecia sempre em primeiro plano; ninguem tambem duvidava que no quer que fosse que houvesse succedido ao Leonardo, o major teria por força parte activa e importante, senão principal.

Assim, ao amanhecer do dia seguinte o primeiro

lugar onde mandaram saber delle foi na Casa da Guarda. Mas, com surpresa geral, elle não se achava nella, nem sabiam noticias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem novas, nem mandados. Por lembrança de Viddinha foram procurar a comadre, e informaram-a de todo o occorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, poz as mãos na cabeça:

— Aquelle rapaz nasceu em máo dia, disse ella, ou então aquillo é cousa que lhe fizeram; do contrario não póde ser...

E poz-se logo a caminho a procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas todas as esperanças; ninguem duvidava que apenas ella se puzesse na rua, promptamente se saberia o destino do Leonardo. Enganaram-se todos, porque nem a propria comadre foi capaz de dar com elle, por tão bom caminho o tinha levado o major. Passaram muitos dias na mais completa ignorancia a respeito do seu fim; e começaram desde então a apparecer suspeitas de que elle proprio teria talvez interesse em occultar-se, e de que era essa a causa por que ainda o não haviam descoberto. Estas suspeitas tomaram vulto e uma certa indignação começou a apparecer em toda a familia contra semelhante proceder. A indignação creascêu e tomou repentinamente proporções de odio intenso, até da parte das proprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a de Leonardo, para com aquella que tão benignamente o acolhêra. Nas invectivas a cada momento dirigidas contra elle, Vidinha tomava sempre o primeiro lugar, e tinha razão para isso : além de ter contra elle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor offendido. Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se em um incuravel odio.

Uma cousa singular notara Vidinha desde que fôra á ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ella não visse pelo menos duas vezes o *toma-largura*. Tinha-o ella mostrado á familia, e já todos o conheciam. A principio isso incommodou-a, e tanto mais que elle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéo com ar risonho : parecia-lhe semelhante cousa uma prova de desabrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquella passagem constante e aquelles cumprimentos deviam por força ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apessoado, e esta idéa passou a toda a familia.

Um dia uma das velhas, achando-se na janella com Vidinha, na occasião em que passava o *toma-*

largura, disse entre dentes e como que indifferentemente :

— Se fosse comigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquelle dito, não deixou, comtudo, de dar-lhe attenção e de scismar nelle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janella á hora do dia antecédente; e o *toma-largura* passou, como sempre, e fez o seu comprimento. A velha disse nessa occasião, como completando o seu pensamento da vespera :

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo... e então *este* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dous, a elle e a *ella*.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de historias, diremos ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquelle — *ella* — referia-se á moça do *caldo*.

Dada esta explicação, os menos perspicazes entenderão sem duvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de ponco intelligente, comprehendeu tudo ás mil maravilhas, e com tanto mais facilidade, digamo-lo aos leitores, quanto talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus proprios pensamentos. Repetiram-se depois

disto mais algumas indirectas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o resultado de tudo aquillo foi ver-se poucos dias depois o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita á familia !...

As visitas continuaram, e pela vizinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malevoloso como de verdadeiro.

Estavam as cousas neste pé. A paz tinha sido restituída á familia. Não sei quem propoz que se solemnisasse o restabelecimento do socego e as *novas venturas* com uma sucia para fóra da cidade. Effectuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolheram para logar da patuscada os — Cajueiros, — onde a familia tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fôra convidado, nem podia deixar de sê-lo, porque era elle um dos motivos da festa. Infelizmente, porém, tinha elle um defeito: no estado ordinario costumava beber soffrivelmente ; quando tinha algum motivo de alegria costumava dobrar a dóse, e quando isto succedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meo da sucia, na occasião de jantar, deu-se por offendido, não sabemos porque, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos garrafas,

copos e tudo o mais. Os dous primos quizeram contê-lo, mas não o conseguiram: Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros augmentavam a desordem. Reinava, por consequencia, uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavam, vio-se surdir d'entre as moitas o major Vidigal, fechando um circulo de granadeiros, que partiam de sua esquerda e de sua direita, e que encerravam toda a sucia.

— Segura aquelle homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura*, que se achava em pé, cambaleando, tendo em uma mão um balaio, em que viera a farinha, e na outra uma garrafa, com que ameaçava os circumstantes.

A' ordem do major o granadeiro hesitou: toda a familia, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então! replicou o major vendo aquella hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustámos contas a respeito daquelle *caldo*...

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como toda a familia o tinha reconhecido apenas elle appareceu.

Era com effeito elle.

XIX.

O GRANADEIRO.

Estavam, pois, as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura* ; haviam-se vingado um do outro : o ultimo golpe na luta competira ao Leonardo: elle abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal por lhe ter fornecido occasião de ir arrancar dos labios de seu rival a taça da ventura. Até quasi que estimou que lhe tivessem sentado praça ; e bem dissemos nós que para elle não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado pelo Leonardo ; e os leitores, familiarizados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho

da Casa da Guarda no largo da Sé. O estado em que elle se achava não permittio porém que o levassem até lá. Os vapores que do estomago lhe tinham subido á cabeça foram-se pouco a pouco condensando, e em meio do caminho pesavam-lhe sobre o cerebro vinte arrobas ; a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que, achando o peso excessivo, quiz appellar para as pernas ; estas, porém, não erão mais fortes, e, curvando-se tremulas e bambas, deram com o valentão de ainda ha pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderam levantar, porque era, como dissemos a principio, de uma corpulencia colossal. Foi mister, pois, abandonar a presa : o major não teve grande difficuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução; segundo, porque se bem que da ultima classe, sempre era o *toma-largura*, gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia consigo não pequenas immunidades.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira preza que fazia, pois era isto de máo agouro para o seu futuro militar ; mas tambem a sua mais bella vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que têm sem duvida os leitores de saber

e como chegára o Leonardo á posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fôra por elle em pessoa conduzido a lugar seguro, donde só sahira para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões, que haviam na cidade, tinham uma companhia do Regimento Novo; fôra o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, reclamou-o para seu serviço (porque era dessas companhias de granadeiros que se tiravam soldados para o serviço policial), pois como homem experimentado naquellas cousas, presentira que elle lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com effeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo alli vivido em uma rica escola de vadição e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do officio. Havia, porém, uma circumstancia que o impedia de prestar bons serviços, e era que com elle proprio, com suas proprias façanhas, tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos habitos adquiridos era nelle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vistio farda, e que foi tanto mais sensível quanto a principio se mostrára um

soldado por tal maneira sisudo, que ia quasi adquirindo reputação de rigido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembraram-se de immortalisar as suas façanhas por qualquer meio, e inventaram um fado com o seguinte estribilho nas cantigas

Papai lêlé, seculorum.

Nesse fado a personagem principal representava o major, que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala ; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas allusivas, que terminavam todas pelo estribilho que acima indicámos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma occasião oppórtuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve um dia denuncia que em uma casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lêlé*, — e dispôz as cousas para pilhar os da roda em flagrante.

A' hora opportuna mandou dous ou tres grana-deiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um signal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não occasião e motivo de dar o assalto : a estes signaes o granadeiro que devia

approximar-se mais da casa communicaria ao que lhe ficasse immediato, este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao lugar em que estava o major; era um verdadeiro systema de sentinellas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o signal positivo, marchariam todos vagarosamente e se reuniriam para o assalto; dado o signal negativo, dispersar-se-hiam em silencio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbencia de ser a vedeta mais proxima ao inimigo, e de dar o primeiro signal. Marchou, pois, adiante, e os companheiros postaram-se á espera. Esperaram por longo tempo e cansaram de esperar; finalmente, quando já se iam dispondo a contravir ás ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouviram tres vezes seguidas um longo assovio, que era o signal negativo convencionado. Em virtude disto dispersaram-se exasperados, e foram depois reunir-se ao major embaixo da ladeira, no lugar que dá para a entrada do Aljube. Ahi reunidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que elle apparecesse. O major principiou a scismar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o morro. Subiram com effeito, e marchando desta vez o major adiante, foram ter á casa indicada. Com surpresa de todos, apenas se foram

approximando viram luzes e ouviram o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos pareciam entregues á maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boca na botija. Estavam exactamente no ponto solemne da cerimonia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a chusma em roda a cantar e a dansar.

Quando o major bateu, e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo : o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção, e ficou depois immovel, como se fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das occupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embóra, ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta scena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar immovel, na mesma posição com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então devéras você quer que o levem dahi para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah ! está morto, perdeu a falla, é natural.

Silencio profundo.

O major fez signal a um dos granadeiros, que tocou no sujeito com a ponta do camarão; nem assim, porém, elle sequer moveu-se. A um novo signal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e poz-se de um salto em pé. Procurou, porém, evadir-se por uma janella, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-o, e o major disse-lhe :

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: falle primeiro com a gente.

E tirando-lhe o panno da cara accrescentou :

— Ora vamos ver a cara do defunto....

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser elle o nosso amigo Leonardol...

XX.

NOVAS DIABRURAS.

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquella a primeira occasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observancia de todos os seus deveres, ou se a mesma audacia do facto lhe grangeára mais as sympathias do major; o caso foi que além das risadas, dos remoques dos camaradas e dos transe da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe succedeu, com espanto de todos, e principalmente delle mesmo: o major dera daquelle modo uma grande prova de desusada benevolencia. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravam daquillo um partido immenso para metterem-o á bulla, e não o deixa-

vam parar um só instante socegado na companhia.

— Elle ainda não está bem resuscitado, dizia um passando-lhe por perto.

— Qual! dizia outro, elle já não é deste mundo.

— *Papai lêle, seculorum*, entoavam outros em côro.

A nenhuma destas cousas dava elle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiedados camaradas thema para novos remoques. Passados aquelles transe tudo foi esquecido, e as cousas entraram de novo em seus eixos ordinarios.

Um dia o major annunciou que tinha uma grande e importante diligencia a fazer.

Havia um endiabrado patusco que era o typo perfeito dos capadocios daquelle tempo, sobre quem ha muitos mezes andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado occasião de pilha-lo: sujeitinho, cuja occupação era uma indiffravel adivinhação para muita gente, sempre andava, entretanto, mais ou menos apatacado: tudo quanto elle possuia de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado e uma viola que jámais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer genero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia em uma sucia

que começára na vespera, uns annos, por exemplo; ao sahir dahi ia para um jantar de baptisado; á noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido e que lhe porpocianava tão bellos meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades, e principalmente a uma, na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dansava o fado com grande perfeição, fallava *lingua de negro*, e nella cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a falla dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, finalmente, — eis aqui o seu mais raro talento, — sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguem era capaz de imitar. Era por consequencia as delicias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma sucia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sómente annunciar aos convidados que o Theotonio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora, quanto á sua occupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetravel segredo, o major Vidigal tanto fez que a descobrio: em dias designados da semana reunia-se no sotão, onde elle morava, certo numero de pessoas que levavam até alta noite ahi mettidas: Theotonio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilha-lo em flagrante ; e como tentava isso desde muito sem que o pudesse conseguir, por ser sempre illudida a sua vigilança pela troca constante que faziam os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Theotónio na primeira occasião, e servir-se depois d'elle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo-velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre ; della tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava baptisada. O Leonardo-Pataca, a instancias da comadre, que muito se affligia com aquella demora, determinou, finalmente, o dia que ella se devia fazer christã. Segundo os habitos immutaveis, havia sucia por essa occasião ; e, segundo o moda, foi o Theotónio convidado. O major soubera de tudo, e era exactamente ali que o esperava, tinha determinado pilha-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima fallámos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios ; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar cahindo na monotonia de repetir quasi sempre as mesmas scenas com ligeiras variantes: a fidelidade, porém,

com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A' hora ajustada chegou o major á casa do Leonardo-Pataca ; como não havia o menor motivo para violencias, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sózinho, com prévia permissão do Leonardo-Pataca, e assistio ao divertimento. Quando elle chegou estava exactamente Theotonio em scena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas ellas, ia recorrer á ultima, que era a das caretas. E' preciso notar que elle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as tambem fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquella cara conhecida: era isso o que fazia morder de riso aos circumstantes.

Estavam todos sentados, e o Theotonio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um typo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, collocou-se em uma posição que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua ultima careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major.

Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços, percebendo a caçoada do Theotónio ; e se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquella occasião.

As risadas continuaram por muito tempo; e elle, não podendo affronta-las impassivel, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se, e pondo-se em posição conveniente, esperar que a sucia se debandasse, para então convidar o Theotónio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Sahio, pois, completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros, que tinham ficado a pouca distancia, dirigio-se ao Leonardo, e fez-lhe sentir que, querendo a todo o custo naquella noite segurar o Theotónio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escapula por qualquer meio; era-lhe, pois, mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas : essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pai, replicou este á proposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação....

— Talvez não queiram receber-me.

— E sua madrinha que lá se acha ?...

— Mas a filha que é uma vibora contra mim ?...

— Vibora ou não, ha de ir ; que quando manda a disciplina.... Não quero que aquelle valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Theotonio e lhe sabiam da habilidade, comprehenderam logo o que tinha succedido por aquelle dito do major, e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquelle appello á disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papri-lélé*, venceu todas as difficuldades e repugnancia que manifestára no desempenho da missão de que o encarregára o major, e pôz-se a caminho para a casa de seu pai.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe perceberam as côres da farda e barretina houve um grito de medo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão !) foram repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo vio nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causára. Resolveu então fallar da parte de fóra para tranquillisar aos medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa

de seu pai ! Para quarta-feira de trevas só lhe faltam as matracas....

A comadre, que ouvira e reconhecêra a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando :

— Vejam que logro ! é o Leonardo ; tragam as velas, gente : não ha novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquelle brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre ha de andar a fazer das suas : vejam que susto causou a toda essa gente.... O' amigo Theotônio, desça, que não ha novidade....

A' luz da primavera vela, que traziam, vio-se descer por uma porta, o Theotônio, do forro do quarto da sala, onde se havia escondido.

Apenas pôz o pè em terra fez logo uma careta de medo, por tal fórma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cãntos da casa, e em presença do Leonardo recommençou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e receiar a presença do Leonardo naquella occasião e naquelles trajés, logo depois da sahida do major ; porém a comadre a todos tranquillizou, dizendo que tendo elle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquelle dia, viera assistir ao baptisado de sua irmã.

— Elle é meio doudo, repetia ella a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da familia.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia, entretanto, tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. A' proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das canções, começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que alli estava representando : quando olhava para o Theotonio, que desde que entrára lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que elle proprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe escapula, avisando-o, porém a disciplina, o *papai lêlé*, vinham-lhe á idéa, e hesitava.

Emquanto era assaltado por estes pensamentos, olhava repetidas vezes para o Theotonio.

Este, que nada tinha de tolo, desconfiou da cousa ; não sabemos porque instincto leu o que pensava o Leonardo, e pôz-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeos disciplina, disse comsigo ; hei de dar escapula ao homem, seja lá como fôr.

E do lugar em que estava accrescentou alto :

— Ah ! Sr. Theotonio, quer saber uma cousa ?

Pois se puzer o pé daquella porta para fôra, o major põe-lhe a unha, que para isso está elle á sua espera, e para aqui me mandou....

— O' diabo ! exclamaram todos.

— Mas nada de sustos ; tudo se ha-de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te compromettas, rapaz, accrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo ; olha que o major não é de graças, e dahi te póde vir mal.

— Ora, tenho pena delle só por aquellas caretas.

Juntaram-se então os dous, Leonardo e Theotónio, e juntos concertaram o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquelle não ficasse compromettido.

Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dous que sahisse ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante delles, foi correndo ter com o major.

— Ahi vem o bicho, Sr. major.

— Cérca, cérca ! disse o major.

E cada um se dividio para seu lado.

O major collocou-se á porta de um corredor, e pôz-se de olho a lerta.

Veio-se approximando ao major um vulto asobiando tranquillamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distancia o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um :

— Me largue ! Que é isto ?

O major prestou attenção, não tendo reconhecido a voz do Theotónio, e vio que tinha segurado em um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora va-sé para o inferno, disse o major ; summa-se daqui. Tambem não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-sé apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assoviar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silencio, e o major não vio mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre elles o Theotónio.

Então ardeu com o caso ; e, reunindo os grana-deiros, disse para Leonardo:

— Elle não sahio...

— Sahio, replicou este ; até de jaqueta branca e chapéo de palha : eu o vi tomar alli para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéo de palha ? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta : não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah ! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado.....

— Elle sabe fazer muito bem de corcunda e de

aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual.....

Era com effeito o Theotonio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se ás furtadelas do logro que levára o major.

Não tardou, porém, muito tempo que lhe não amargasse aquelle prazer, vindo o major a saber que tudo aquillo se fizera de combinação com elle.

XXI.

DESCOBERTA.

E' muito antigo dizer-se que ha uma cousa ainda peor do que um inimigo, e é um máo amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca dizia-se muito amigo do Theotónio, e pelo empenho que o Leonardo mostrara em livra-lo das garras do major, pretestara desde logo repartir com elle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dous ficasse prejudicado. Poucos instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumpri-lo.

Emquanto se passavam ás scenas que acabamos de descrever, tinha amanhecido: o major e sua gente punham-se em retirada: ainda se achavam, porém, nas immedições do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Theotónio, quan-

do o tal amigo, a que nos referimos, que fôra um dos ultimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Theotónio não ia no meio della, concluiu que os planos haviam sortido bem, e que o major ficara desta vez logrado. Teve por isso um accesso de alegria : esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado impeto :

— Bravo ! Como estas não fazes duas em toda a tua vida ; foi limpa ; *elle* ha de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *elle*, porque sou seu amigo e teu tambem !

O Leonardo ficou estatico diante de semelhante imprudencia. O major, que ia cabisbaixo pensando no logro que acabara de levar, voltou-se repentinamente : a palavra *elle*, proferida pelo terrivel amigo, abriu a luz dos olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente :

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo da alma tudo quanto havia ali de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que a havia provocado, e que ainda muito senhor de si apertava-lhe desapiedadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, victima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passe-

mos a outras cousas. Ha muito tempo que não fallamos em D. Maria e na sua gente. Saibam os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo foram rosas, o nosso José Manoel puzera, como se costuma dizer, as mangas de fóra, e taes cousas fez, que em poucos mezes estava tudo em guerra aberta: tinha-se elle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa de dote vai, dote vem, herança daqui, herança dalli, havia-lhe D. Maria proposto uma acção por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavam de vida á pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquelle tempo os conta tão perfectos, que eram um supplicio constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão ás furtadellas, pelas frestas da rotula: então chorava ella aquella liberdade de que gozava outr'ora; aquelles passeios e aquellas palestras á porta em noite de luar; aquelles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquillo, enfim, a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão bello e tão agravavel. Tendo-se casado com José Manoel,

para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o peor de todos os odios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior numero das moças que então se casavam : era por isso que as Vidinhas não eram raras, e que poucas familias haviam que não tivessem a lamentar um desgostozinho no genero do que soffreu aquella pobre familia, que indo ao Oratorio de Pedra viera dizimada para casa, e cuja historia servio de thema ás intrigas da comadre, quando quiz pôr a José Manoel fôra do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de toda aquella intriga que precedera ao casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com este de candêas ás avessas, se reatasse o laço da amizade que por um pouco afrouxara : succedia assim icom effeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram-se a fallar ; as desgraças do Leouardo, que fizeram thema a essa conversação, enterneceram a D. Maria, que por seu turno tambem referio á comadre tudo quanto succedia agora á pobre Luizinha.

— Ai, senhora ! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me ronçava cá o quer

que seja quando via aquelle maldito ; arrenego do homem que é um valdevinos ás direitas. Aquillo ha de levar a pobre menina á sepultura. Coitada ! bem criada e mal fadada !

— Nunca pensei, creatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquillo como era finorio ! que palavrinhas doces ! que santidade aquella ! Agora, senhora, agora sou eu capaz de acreditar na historia da moça furtada no Oratorio de Pedra : elle tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingada, oh ! se hei de ! tão certo como estar eu aqui : os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse gosto : espero isso em Deos.

Desta conversa, e do mais que se seguio, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo soffrido um leve estremecimento, é difficil que voltem depois ao estado primitivo ; com outras amizades acontece, porém, o inverso ; os estremecimentos aproveitam, porque é facil a volta da paz, e parece que depois disto se tornam mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste ultimo genero. Portanto, depois daquella conversa na missa, não só voltaram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornaram mais que nunca solidas. Dahi em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente

communicado, e ellas fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remedio, uma aos males da sobrinha, outra ás diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso ; fizera disso sciente á madrinha, que se pôz logo em alvoroço, não só pelo facto em si, como pelo generoso motivo que o havia occasionado. O primeiro passo que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livra-lo do mais que (sabe Deos) lhe estaria preparado.

Vamos ver como se houveram em semelhante empenho.

XXII.

EMPENHOS.

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se á casa do major a entecerder pelo Leonardo ; o major, porém, mostrou-se inflexivel: o caso era grave, já não era o primeiro ; a disciplina não podia ser impunemente offendida mais de uma vez ; o castigo devia ser infallivel e grande. A comadre, que fôra cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo suppunha : o Leonardo não só ficaria por mais tempo preso, como teria de sêr chibatado... A pobre mulher, apenas declarou isto o major, cahio de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo, porém, debalde. Sahio desesperada, e com a mantilha cahida, toda em desalinho, correu, voou á casa da D. Maria. Ao ve-

la entrar naquelle estado, D. Maria ergueu-se da sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, creatura? que tendes? exclamou. Santo Christo ! o que é? Fallai !

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! Que desgraça ! respondeu a comadre ; que má sina-de rapaz... Orà veja o que lhe succede por ter feito uma boa acção!... E eu que soffro e que sinto como se fosse meu filho...

E os soluços a soffocaram.

— Falle, senhora, replicou D. Maria; falle, que me põe em uma afflicção.

— Vai apanhar, D. Maria.... vai apanhar de chibata... elle... o Leonardo...

— Meu Deos, pobre rapaz : ora vejam tudo em que deu ; é sina, coitado! Aquelle rapaz não nasceu em bom dia ; não comadre ; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma..Mas não fallou com o major? Que lhe disse elle ?

— Duro como uma pedra, senhora ; a nada se moveu: pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santissima... tudo em balde, tudo em vão.

— Está bom, não se afflija, comadre; ainda ha um meio que eu penso que não ha de falhar : vamos á casa *della*, que por lá é caminho certo; ella dá-se muito comigo, ha de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso ; mas, na tribulação em que vinha, tornou-me a esquecer; se com

ella não se arranjar alguma cousa..... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ella*, e têm razão ; vamos já satisfazê-los. O major era peccador antigo, e no seu tempo fôra daquelles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigario: restava-lhe ainda hoje *alguma cousa* que ás vezes lhe recordava o passado: essa *alguma cousa* era a Maria-Regalada que morava na Praia. Maria-Regalada fôra no seu tempo uma moçetona de truz, como vulgarmente se diz : era de um genio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazi-o por muito tempo e com muito gosto : dahi é que vinha o appellido — *regalada* — que haviam juntado ao seu nome.

Isto de appellidos, era no tempo desta historia uma cousa muito commum; não estranhem, pois, os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse appendice ao seu nome.

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a materia e acreditamos hoje que não ha que fiar em poetas: chegamos por nossas investigações á conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o unico que não muda. As leitoras que não concor-

darem com esta doutrina convençam-me do contrario, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lh'o na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis-ahi porque, fallando *della*, D. Maria e a comadre se mostraram tão esperanças a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquelle tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho e o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar apromptar a cadeirinha, disse D. Maria a uma das suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos; que isto são os meus peccados velhos.

D. Maria apromptou-se, metteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

Que milagre de Santa Engracia! que fortuna! que alegrão! O que a traz por aqui? Isto é grande novidade!

—E' novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estylo, que não eram muitas naquelle tempo, foi a comadre apresentada, porque

não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro, D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte, a historia do Leonardo com todos os detalhes e depois de innumerados rodeios, que puzeram a arder a paciencia da ouvinte, e quasi a fizeram morrer de curiosidade; chegaram finalmente, ao ponto importante, ao motivo que alli as levara: queriam nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo, e contavam para alcançar semelhante cousa com a influencia da Maria-Regalada sobre o major.

Ora, disse esta, tomando um ar de modestia, eu já não presto para nada... isso era bom em outro tempo... agora... o major... as cousas estão mudadas, D. Maria... depois que elle se metteu na policia.., nem mais nem hontem... quem sabe o que por lá vai!... Mas, emfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, e sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou fallar-lhe... talvez que elle me queira attender...

—Ha de attender, ha de, respondeu a comadre; elle já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempo de dantes.

—Veremos, veremos. A Sra. comadre sabe lá o que são homens?!

—Diga-me a mim. .se sei... acudio esta promptamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negocio requer toda a pressa, porque de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz e depois nem S. Antonio a tira.

— Não ha de haver novidade; ainda havemos de chegar a tempo, com a graça de Deos. Para maior segurança vamos todas tres daqui á casa do major e cada uma por seu lado fará tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestio-se á pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha, em que ia D. Maria, partiram para a casa do major.

XXIII.

AS TRES EM COMMISSÃO.

Partiram, pois, as tres para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o quilate da visita; apenas, porém, reconheceu as tres, correu apressado á camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo á sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alçobaça sobre o hombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da afflicção em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos labios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropella-

ção em que entrara o major, a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negocio. Accrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se não era em lugar publico e em circumstancias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma caricia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam delle tudo quanto queriam; elle proprio espontaneamente se offerecia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Com tudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com anticipação, ou o presentisse pelas apparencias, a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquillisa-la. Dispoz-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apezar de mais estranhas á sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos á sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da commissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim tres mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para anima-las, arrastando, sem querer, os tamancos.

— Oh ! de tamancos e farda não está má...

— Senhoras donas, cousas de velho; no meu tempo não fazia eu destas.

— D. Maria que o diga, acudio logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha, fosse por onde fosse; mas não importa; o negocio é outro...

— E' verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deos perdõe a quem delle tem saudades, retorquiu o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade...

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas cousas todas para logo.

— Ai creatura, acudio D. Maria, que até então estivera calada, cansada talvez do numero prodigioso de mesuras que fizera ao entrar; deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho...

— E' como eu, respondeu o major; em se me tocando cá nas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não foram ellas cá não viera, pois o negocio é serio...

A comadre achou occasião bem apanhada, e fez com a cabeça um signal de approvação.

-- Vamos lá ver o que é o tal negocio serio,

respondeu o major atinando, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um signal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora prosegue :

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobranceiras, e repuxou os beiços, como quem não concordava *in totum* com aquillo...

— Não me comece já com cousas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não ha razão para ser castigado por causa de uma cousa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos ; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma cousa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e elle por isso livre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não, Sr. major, obzervou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que elle praticou naquella occasião quasi que não estava nas

suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bei sei, mas a lei ?

— Ora, a lei... o que é a lei, se o Sr. major quizer ?...

O major sorriu-se com candida modestia. A discussão foi-se assim animando ; porém o major nada de ceder, até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca ; chegou mesmo a pôr-se em pé e a fallar muito exaltadamente contra o attentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicámos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquellas tres ouvintes tão incredulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda, porém, não tinham as tres esgotado contra elle o seu ultimo recurso ; puzeram-o pois em acção.

Quando mais influido estava o major, as tres, a um só tempo, e como de combinação, desataram a chorar... O major parou... encarou-as um instante : seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e, por fim, desatou tambem a

chorar de enternecido. Apenas as tres se aperceberam deste triumpho carregaram sobre o inimigo.

O major de enternecido foi passando a atordoadado, e como que ficou envergonhado das lagrimas que lhe corriam pelas faces : enxugou-as, e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

— Nada, disse, desembaraçando-se das tres e passeiando a passos largos pela sala ; nada : que haviam dizer de mim se me vissem aqui nestas choramingas de criança ? Eu, o major, o Vidigal, a chorar no meio de tres mulheres !... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remedio ; c exemplo, a disciplina, as leis militares. nada, não póde ser. .

E deu as costas ás tres, continuando a passeiar e a fazer resoar com força os tamancos no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo ás duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança :

— Ainda não está tudo perdido.

E dirigindo-se ao major accrescentou :

— Bem, Sr. major , aguas passadas não moem moinho. :

— Qual passadas, senhora dona ! mas bem vê que o caso é grave. .

— Seja lá o que fôr, sinto ter perdido meus passos, e não servir a quem desejava ; verdade seja que eu já contava com isso, e também não prometti. . Mas em ultimo lugar quero sempre dizer-lhe uma cousa, mas ha de ser em particular.

— Vamos lá, estou prompto.

Quem tivesse alguma perspicacia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava ha muito tempo disposto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, desanuviou-o rosto, remécheu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta ! disse em voz baixa á sua interlocutora ; pois era preciso fallar nisto ? Em fim.

— Ora, graças que se lhe acabaram os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta :

— Sim ? ! . exclamaram as duas sorrindo de esperança.

— Eu bem dizia que o Sr. major tinha bom coração. .

— Eu nunca duvidei, apesar de tudo. . mas agora o passado, passado ; o caso era grave, como elle dizia, e foi um favor ! . . .

— Então, D. Maria? Quem foi rei sempre teve magestade.

— Magestade. qual! isso já não é para mim.

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.

— Não de ficar ainda mais contentes comigo. não lhes digo porque, mas verão?.

— Esta agora é que é grande; veremos o que será.

— Já sei: é.

— Ha de ser por força.

— Estou quasi adivinhando.

— Sabem que mais? atalhou o major; são horas de uma diligencia a que não posso faltar.

O rapaz está livre de tudo; com tanto que, accrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito. . .

— Eu nunca faltei á minha palavra, replicou esta.

Retiraram-se as tres cheias do maior contentamento, e o major sahio depois tambem para cumprir a sua promessa.

XXIV

A MORTE E' JUIZ.

D. Maria dirigio-se immediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E com effeito metteu-se de novo nella e mandou que seguissem para casa da sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manoel entrára para casa em braços, tendo sido acommettido na rua de um violento ataque apopletico ao voltar do cartorio

onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria por causa da demanda que entretinham. Luizinha, a coitada, vendo-se naquelles apuros, sem saber o que fizesse, despachara logo portador para casa de sua tia.

D. Maria, apenas entrou, mandou chamar o licenciado, que, depois de examinar o doente, declarou que era caso perdido. Fizeram-se, entretanto, algumas applicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viuva, menina, disse D. Maria alguma cousa compungida com a declaração do medico.

Luizinha pôz-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno.

Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma dellas disse baixinho á outra, vendo o pranto de Luizinha :

— Não são lagrimas de viuva....

E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Porventura ante seu coração fôra José Manoel marido de Luizinha? Nunca o fôra senão ante as conveniencias, e para as conveniencias aquellas lagrimas bastavam. Nem o medico, nem D. Maria se haviam enganado: á noitinha José Manoel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compa-

receu pezarosa a prestar seus bons officios, suas consolações.

O enterro sahio acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança pôz-se toda á janella, e tudo foi analysado, desde as argolas e galões do caixão até o numero e qualidades dos convidados, e sobre cada um desses pontos appareceram tres ou quatro opiniões diversas.

Naquelles tempos ainda se não usavam os discursos funebres, nem os necrologicos, que hoje andam tanto em voga; escapamos, pois, de mais essa. José Manoel dorme em paz no seu derradeiro jazigo.

Como havia promettido a comadre, alguém chegou quasi ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando elle entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros!

— Como! olhem o major. E então?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a elle tudo devo.

Foi aquillo objecto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só elle apparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exercito pouca cousa.

O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma cousa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava : era Luizinha. Ha muito que os dous se não viam; não puderam, pois, occultar o embaraço de que se acharam tomados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficaram sorprendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão, de bigodes e suissa, elegante até onde póde sê-lo, um soldado de granadeiros com o seu uniforme de sargento bem assento. Leonardo achou Luizinha uma moça espiçada, airosa mesmo, olhos e cabellos pretos, tendo perdido todo aquelle acanhamento physico de outr'ora. Além disso, seus olhos avermelhados pelas lagrimas, seu rosto empallidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquelle dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa occasião um toque de belleza melancolica, que em regra geral não devia prender muito a attenção de um sargento de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, apezar de tudo, não era um sargento como qualquer. E tanto assim que durante a scena muda que se passou, quando os dous deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outr'ora e remontando de facto em facto, chegou aquella ridicula, mas ingenua, scena da sua declaração de amor a Luizinha. Pa-

receu-lhe que tinha então escolhido mal a occasião, e que agora isso teria um logar muito mais acertado.

A comadre, que dava uma perspicaz attenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aquelles pensamentos todos; fez um gesto quasi imperceptivel de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéa luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano, em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probalidades de exito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado comprimento; este correspondeu-lhe com alguma cousa entre comprimento paisano e continencia militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria e deixar os dous entregues a si.

— Diga-me, disse ella dirigindo-se a D. Maria, e aquella sua demanda com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz, Elle não tem herdeiros, era só no mundo.... Eu não levei a minha *dvante*, é verdade, porque, emfim, não posso dizer que venci; mas tambem não perdi. Agora, sim, tenho muito gosto de entregar tudo á menina, mas não queria que me levassem as cousas senão por minha muito livre vontade.

— Está bem ; o passado já lá vai : Deos é assim, escreve direito por linhas tortas.

E por ahi adiante empenharam-se na sua conversa. Os dous, depois de algum tempo de silencio, como já se tinham retirado todas as visitas, foram pouco e pouco, de palavra em palavra, travando dialogo, e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria, com a differença que a conversa daquellas duas era alta e desembaraçada, a delles baixa e reservada.

Não ha nada que, interrompida mais depressa, e reate do que seja a familiaridade, em que o coração é interessado. Não se estranhe, pois, que Luizinha e Leonardo a ella se entregassem.

E querem ver uma singularidade que ás vezes se repete ? Depois que se fizera moça, e que tomára estado, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que alli estava gozando naquella conversa, em um dia de luto, quando acabava de sahir o caixão que levava á sepultura aquelle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo tambem por sua vez, nunca, no meio de todas as vicissitudes de sua vida estravagante, tinha tido instantes que tão rapidos lhe corressem do que aquelles em que via o objecto de seus primeiros amores sob o peso do infortunio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circumstancias reavivaram o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquillo, e, parecendo prestar toda a attenção a D. Maria, não perdiá uma só circumstancia. Fnalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se offereceu para fazer companhia á viuva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço, e apenas tinha elle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pezames a D. Maria, e agradecer o interesse que por elle havia tomado, fazendo por intermedio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como tambem o accesso do posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu á despedida a mão ao Leonardo, que lh'a apertou com força.

Ora, isto naquelle tempo era bastante para dar que fallar ao mundo inteiro!

CONCLUSÃO FELIZ.

A comadre passou com a viuva e sua tia quasi todo o tempo do nojo, e acompanhou-as á missa do septimo dia. O Leonardo compareceu tambem nessa occasião, e levou a familia á casa, depois de acabado o sacrificio.

Aquelle aperto de mão, que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não cahira no chão a D. Maria, assim como tambem lhe não escaparam muitos outros factos consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia estravagante certa idéa que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cahir de Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma

Ave Maria do seu bemdito rosario vinha-lhe á idéa casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada em um mundo em que maridos, como José Manoel, não são difficeis de apparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéa, lembrava-se do Leonardo, que amara a sua sobrinha no tempo da criançada, e que era, apesar de extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças á benevolencia do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabiam bem as contas que seu pai havia feito a esse respeito ; mas como era cousa que constava de verba testamentaria, D. Maria nada via de mais facil do que propôr uma demanda, cujo resultado não seria duvidoso.

Havia, porém, no meio de tudo uma circumstancia que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquelle tempo, era cousa de metter medo.

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosario.

A comadre fazia quasi exactamente os mesmos alculos por sua parte, e tambem só esta unica

difficuldade se antolhava á realização de seus planos.

Emquanto estas duas pensavam, os outros dous obravam.

Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro; e quem quizer ver cousa de andar de pressa é ver namoro de viuva.

Na primeira occasião Leonardo quiz recorrer a uma nova declaração; Luizinha, porém, fez o processo summario, aceitando a declaração de ha tantos annos.

Sem que os vissem, viam-se os dous muitas vezes, e dispunham seus negocios.

Infelizmente occurria-lhes a mesma difficuldade: um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dous amavam-se sinceramente, e a idéa de uma união illegitima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Esse meio de que fallámos, essa caricatura da familia, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produzio o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa difficuldade demorava os dous. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvaterio, e veio communicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar elle sendo soldado e casar, dan-

do baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as milicias.

A difficuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rosario, justamente em um daquelles intervallos de Padre-Nosso a Ave-Maria, de que acima fallámos, Luizinha chegou a ella, e communicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo preceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

—Para lhê obedecer e fazer-lhe o gosto casei me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fôra inutil sua precaução, porque D. Maria confessou que de ha muito ruminava aquelle mesmo plano.

Combinaram-se, pois, as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a elle de novo.

Foram ter com Maria-Regalada, que mesmo na vespera lhes tinha mandado dar parte que se mudara da Prainha, e offerecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da commissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes appareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal, em habitos menores, de rodaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso, apenas appareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por aqui vai bem...

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquelle segredo, com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!...

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ella viesse definitivamente morar em sua companhia. Não attribuímos esta resistencia senão a *capricho*, para não fazermos máo juizo de ninguém; o caso é que o major punha naquillo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fôra acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está, pois, explicada a benevolencia deste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquelle rapido accesso de posto.

Fica tambem explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entrarm todos em conferencia. - O major desta vez achou o pedido muito justo em consequencia do fim que se tinha em vista. Com a sua influencia tudo alcançou, e em uma semana entregou ao Leonardo dous papeis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de sargento de milicias.

Além disto recebeu o Leonardo ão mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensavel do luto, o Leonardo, em uniforme de sargento de milicias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo á cerimonia a familia em peso.

Daqui em diante apparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca,* e uma enfiada de acontecimentos tristes, que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

FIM.

INDICE.

I—A comadre em exercicio . . .	7
II—Trama.	15
III—Derrota	23
IV—O mestre de reza	31
V—Transtorno	39
VI—Peior transtorno	47
VII—Remedios aos males.	55
VIII—Novos amores	61
IX—José Manoel triumpho	67
X—O aggregado	77
XI—Malsinação.	85
XII—Triumpho completo de José Manoel	91
XIII—Escapula	97
XIV—O Vidigal desapontado	103
XV—Caldo entornado.	109
XVI—Ciumes	115
XVII—Fogo de palha	121
XVIII—Represalias	125
XIX—O granadeiro.	133
XX—Novas diabruras	141
XXI—Desconcerto	155
XXII—Empenho.	161
XXIII—As tres em commissão	167
XXIV—A morte é juiz	175
XXV—Conclusão feliz	183



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).